TEXTOS NEPO 21

A Imigração Italiana para o Brasil e as Cidades

Maria Coleta F.A. de Oliveira
Maria Conceição S. Pires

Imigração e Oportunidades de Trabalho no Período Cafeeiro

Maria Silvia C. B. Bassanezi

NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO - NEPO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
JUNHO, 1992

Núcleo de Estudos de População - NEPO
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Caixa Postal 6166 - CEP: 13.081
Campinas, SP - BRASIL

REITOR
Carlos Alberto Vogt

COORDENADOR GERAL DA UNIVERSIDADE
José Martins Filho

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO
Adalberto Buono Maurizio Sacchi Bassi

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO
José Dias Sobrinho

PRÓ-REITOR DE PESQUISA
Armando Turtelli Junior

PRÓ-REITOR DE DESENVOLVIMENTO UNIVERSITÁRIO
Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS
Cesar Francisco Ciacco

COORDENADORA DO NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO
Elza Berquó

FICHA CATALOGRÁFICA

Oliveira, Maria Coleta F.A. de

A imigração italiana para o Brasil e as cidades / Maria Coleta F.A. de Oliveira e Maria Conceição S. Pires. – Campinas, SP: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 1992.

(Textos NEPO, 21)

Conteúdo: pt.2 Imigração e oportunidades de trabalho no período cafeeiro por Maria Silvia C. B. Bassanezi.

1. Imigração italiana-amparo-período cafeeiro. 2. Urbanização – Cidades. 3. Ocupações profissionais-trabalho. I. Bassanezi, Maria Silvia C. B. II. TÍTULO. III. Série.

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Imigração Italiana - Amparo - Período Cafeeiro: 325.245098161
2. Urbanização Cidades: 301.36
3. Ocupações Profissionais - Trabalho: 331.76

A IMIGRAÇÃO ITALIANA PARA O BRASIL E AS CIDADES

Maria Coleta F. A. de Oliveira

Maria Conceição S. Pires

IMIGRAÇÃO E OPORTUNIDADES DE TRABALHO NO PERÍODO CAFEEIRO

Maria Silvia C.B. Bassanezi

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....5

A IMIGRAÇÃO ITALIANA PARA O BRASIL E AS CIDADES.....6

IMIGRAÇÃO E OPORTUNIDADES DE TRABALHO NO PERÍODO CAFEEIRO.....33

APRESENTAÇÃO

Os trabalhos aqui publicados, embora realizados de modo independente, têm uma preocupação comum em sua origem. Trata-se da necessidade de compreensão das características e da dinâmica social e demográfica da sociedade paulista a partir do desenvolvimento do complexo cafeeiro.

Um dos aspectos que marcou o período foi a imigração em massa de trabalhadores europeus, especialmente mobilizados para as lides nas lavouras de café paulistas. A absorção desses imigrantes não se restringiu à agricultura de exportação. A expansão do transporte ferroviário, a intensificação da urbanização e a proliferação da pequena propriedade policultora abriram os caminhos para a incorporação do imigrante europeu em uma multiplicidade de atividades e setores. Desse modo, o impacto da imigração estrangeira em São Paulo passa também pela diversificação das ocupações, marcadamente aquelas de corte urbano.

Duas contribuições aproximam ainda os textos aqui reunidos.

A primeira diz respeito ao fato de o interior paulista ser o foco de ambos, especialmente a cidade interiorana, no período da expansão e consolidação da cafeicultura. Outros autores debruçaram-se mais recentemente sobre o tema, constituindo estes trabalhos uma contribuição à compreensão das características da urbanização no interior paulista naquela etapa.

A segunda refere-se às fontes de dados de que lançam mão. Dentre elas, destacam-se o corpo documental do Registro Civil e as séries de Almanaques, publicados em diferentes momentos sobre diversos municípios paulistas compreendendo por vezes o conjunto da Província ou Estado de São Paulo.

Pela riqueza das informações contidas nessas fontes e pelo pouco uso sistemático a elas dado pelos estudiosos do período, os trabalhos que se seguem trazem, sem dúvida, elementos valiosos para o conhecimento de nosso passado.

As autoras

A IMIGRAÇÃO ITALIANA PARA O BRASIL E AS CIDADES [*]

Maria Coleta F. A. de Oliveira [**]

Maria Conceição S. Pires [***]

---

[*] Trabalho apresentado no Colóquio Long Distance Migration do XVII Congresso Internacional de Ciências Históricas, Madrid, 1990.

[**] Coordenadora Adjunta do Núcleo de Estudos de População (NEPO) e Professora do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, ambos da UNICAMP.

[***] Assistente de Pesquisa do Núcleo de Estudos de População (NEPO), UNICAMP e Mestranda da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP.

RESUMO

O trabalho reúne informações sobre o imigrante italiano em uma cidade interiorana - Amparo, SP - no final do século XIX e primeiros anos deste século. No contexto de uma discussão sobre as características da urbanização no interior paulista no período cafeeiro, a análise do material destaca o fato de a imigração ter imprimido às cidades cafeeira uma qualidade diferenciada, pela multiplicidade de bens e serviços cuja oferta dependia de um "saber fazer" que os europeus detinham. Ainda, o texto chama a atenção para a acentuada integração da primeira geração de imigrantes no meio urbano interiorano, contrariando os objetivos da importação de mão-de-obra estrangeira contemplados pela política oficial.

ABSTRACT

The paper draws upon a variety of data about italian immigrants in Amparo-SP during the last decades of the 19th and begining of the 20thC. In the context of a discusson on the characteristis of the process of urbanization during the coffee period in São Paulo, Brazil, the analysis calls attention to the distinctive urban character of coffee towns, due to foreign immigration. Specialized for the supply of goods and services not available in Amparo otherwise. Finally, it is argued that the first generation of italian achieved a remarkable integration to the urban social environment, thus opposing to the manifest goals of Brazilian foreign immigration policies of the time.

A IMIGRAÇÃO ITALIANA PARA O BRASIL E AS CIDADES

A IMIGRAÇÃO ITALIANA E AS CIDADES 7

O CAFÉ E A URBANIZAÇÃO DO INTERIOR 9

OS ITALIANOS NO AMPARO 11

À GUISA DE CONCLUSÃO 29

REFERÊNCIAS 31

A IMIGRAÇÃO ITALIANA E AS CIDADES

É já bastante extensa a bibliografia acerca da imigração estrangeira para o Brasil, nela destacando-se os estudos sobre o contingente italiano.

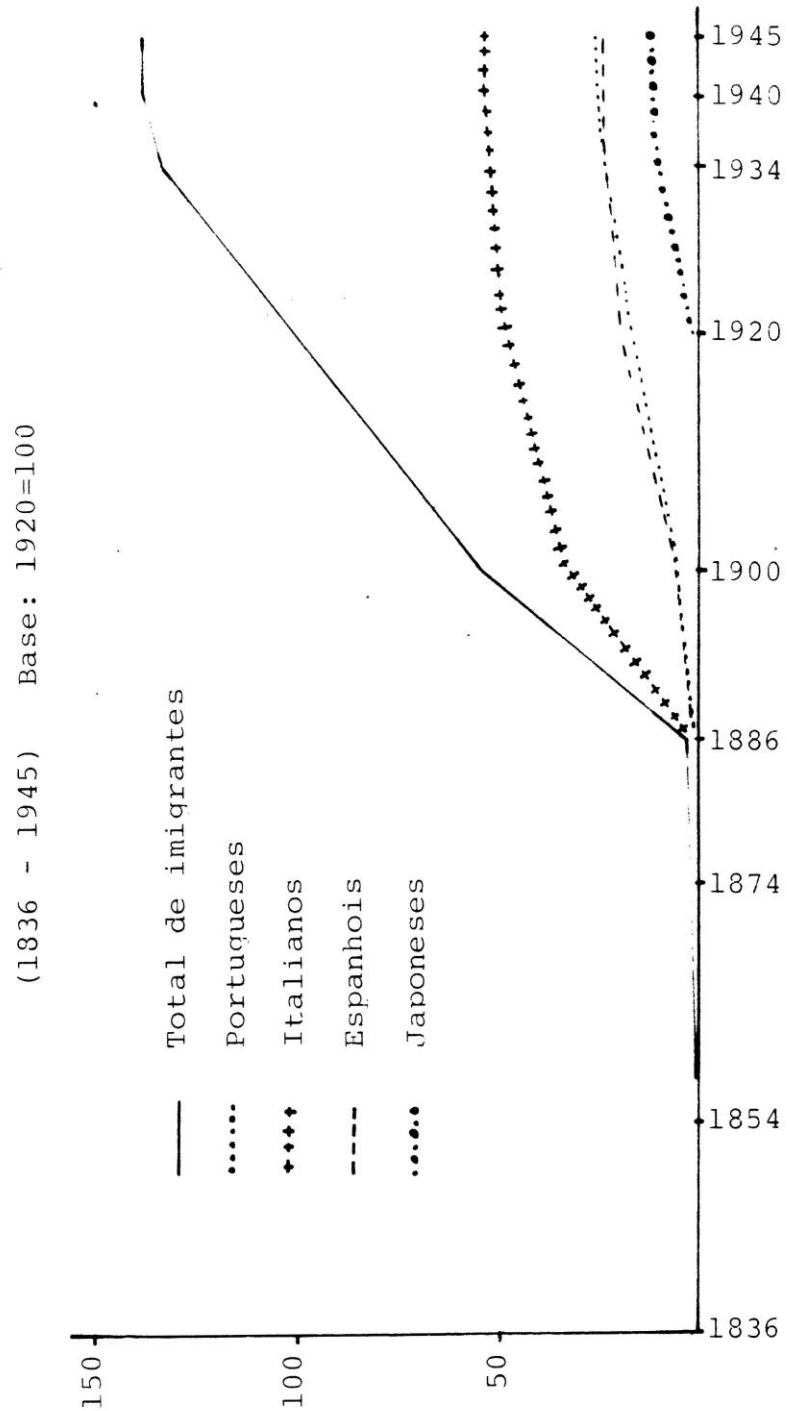
A imigração italiana para o Brasil liga-se à expansão da cafeicultura no Oeste Paulista no século XIX e à substituição, neste processo, da mão-de-obra escrava pela mão-de-obra livre. As primeiras experiências de utilização de trabalhadores livres na cafeicultura paulista antes mesmo da abolição da escravatura foram feitas em pequena escala com imigrantes europeus, especialmente suíço-alemães e portugueses. Ao aproximar-se a vitória abolicionista, porém, grandes levas de imigrantes europeus foram atraídos para a lavoura paulista. E, dentre eles, destacaram-se em número os imigrantes italianos, como fica evidente no Gráfico 1.

Estima-se que a grande maioria dos imigrantes estrangeiros que se dirigiram para São Paulo destinaram-se às lavouras de café. Contudo, nem todos os que para cá vieram para empregarem-se como colonos de café eram agricultores em seus países de origem. Os dados disponíveis relativos ao período de 1908-1936 (SÃO PAULO, 1937) indicam que cerca de 60% dos imigrantes entrados pelo Porto de Santos - principal porta de entrada de imigrantes no Estado - declararam-se agricultores. Para os italianos, apenas a metade deles declarou-se agricultor, cifra semelhante a dos portugueses que para cá se dirigiram (KLEIN, 1989).

É possível que a não adaptação ao tipo de trabalho que lhes era oferecido - o trabalho na lavoura para gente que não tinha experiência na agricultura - aliada às más condições de vida e de trabalho frequentemente denunciadas por testemunhas da época, tenham sido responsáveis pela alta proporção de retorno (ou pelo menos de saída do país) observada. De fato, os dados disponíveis indicam uma proporção bastante alta de imigrantes saídos relativamente ao total entrado (MERTZIG, 1977).

É provável também que uma parcela, talvez pequena, dos imigrantes destinados à lavoura tenham se radicado nas cidades. Logo à chegada ou como um segundo estágio de seu processo de inserção na sociedade paulista.

GRÁFICO 1 – Frequências acumuladas da entrada de imigrantes no Estado de São Paulo



Fonte: Camargo (1981).

Contudo, pouco se sabe dessa imigração para as cidades. Sabemos que uma parcela dos imigrantes entrados em São Paulo e alojados na Hospedaria dos Imigrantes ficaram na capital. Empregaram-se na indústria que aqui se expandia, na construção civil e no comércio (MORSE, 1970). Sabemos também que imigrantes estrangeiros foram trazidos diretamente para o trabalho nas ferrovias, tanto para a construção das linhas quanto para as oficinas e operação dos serviços (VANGELISTA, 1982); e estes trabalhadores acabaram provavelmente por fixarem-se nas cidades, na capital ou nas cidades interioranas que formavam a importante rede urbana no período cafeeiro.

Neste trabalho pretendemos trazer à luz informações acerca do imigrante em uma cidade interiorana, Amparo. Nossa atenção recairá no imigrante italiano. As fontes utilizadas são fundamentalmente os Almanaques editados desde fins do século XIX para várias cidades do interior paulista. Constituem eles ricas fontes de informação sobre a vida urbana no interior, principalmente face à carência de dados sobre as cidades interioranas no período cafeeiro. As evidências, aqui trabalhadas em caráter preliminar, sugerem desde logo uma série de indagações e questões acerca do caráter da urbanização no período cafeeiro. Desse período focalizaremos a última década do século XIX, em que a aceleração do processo de urbanização foi uma das marcas importantes (LOPES, 1969; OLIVEIRA, 1988; PACHECO, 1988; SEMEGHINI, 1988).

O CAFÉ E A URBANIZAÇÃO DO INTERIOR

Se é verdade que São Paulo, capital da Província e depois Estado de São Paulo, acabou por adquirir primazia urbana no final do século XIX, não é menos verdade o fato de que a economia cafeeira no período ensejou a formação de consistente rede urbana. Consistente porque capaz de criar interesses locais especificamente urbanos, que se modificam, mas não desaparecem com a decadência do café.

A bibliografia é unânime em apontar as duas últimas décadas do século XIX como de intensa urbanização em São Paulo (OLIVEIRA, 1988). Nesse período, ao mesmo tempo em que crescem as cidades do interior, a capital acaba adquirindo preeminência com relação às demais, especialmente Jundiaí e Campinas, cidades que articulavam o escoamento da produção cafeeira até o "Porto do Café", Santos. Mas o crescimento da capital se apoia numa sólida rede urbana interiorana. Tanto um como outro exprimem a intensificação da atividade mercantil e financeira que permitiu um verdadeiro surto de prosperidade urbana e industrial (CARDOSO, 1982; GRANZIERA, 1979).

É a atividade comercial, estimulada no período pelas mudanças nos sistemas de crédito e bancário, que dá alento à vida das cidades. A formação e consolidação da rede urbana paulista no período esteve, portanto, vinculada à comercialização da principal mercadoria, o café.

As cidades funcionavam como entrepostos comerciais, estando os polos de maior concentração e dinamismo urbanos localizados privilegiadamente nas redes de comunicação e transporte da época. Mas, de modo articulado a esta função básica, desenvolveram-se outras. Dizem respeito tanto à comercialização de gêneros para abastecimento local e da capital, quanto ao suprimento de manufaturados importados da capital ou do exterior. Dizem respeito, por fim, à prestação de serviços, como a manufatura de utensílios e bens de consumo local e de assistência religiosa, educacional e de saúde. A concentração destas atividades acaba por gerar novos interesses relativos à construção civil e à implantação de uma infraestrutura urbana, além dos interesses propriamente imobiliários que já se fazem sentir.

A consistência da rede urbana assim como a diversidade de atividades e ocupações exercidas em cada um dos seus polos exprimem uma diferenciação social maior do que usualmente se supõe. De uma sociedade de senhores e escravos, teríamos passado para outra formada por grandes fazendeiros e trabalhadores livres, colonos em boa parte de origem europeia, responsáveis pelo trabalho nos cafezais. Não foi bem assim. Como destaca Cardoso (1982), havia no Brasil em plena sociedade escravocrata uma ampla massa de população livre, envolvida nos mais diversos tipos de atividades. Os dados para o conjunto do país já em 1872 indicam a presença de uma variedade de profissões e ocupações que sugerem uma significativa diferenciação estrutural. Essa diferenciação se acentua com o tempo. Estudos mais recentes mostram que o desenvolvimento da economia cafeeira se deu à base de uma multiplicidade de produtores, grandes fazendeiros, médios e pequenos produtores independentes. Ao mesmo tempo, o café conviveu com uma crescente especialização da agricultura de alimentos voltada para o mercado, especificamente o abastecimento das cidades. Foi esta pequena produção mercantil que permitiu a autosuficiência em gêneros que o Estado de São Paulo adquire no início deste século (FONT, 1982; 1987; CANO, 1981; OLIVEIRA, 1988).

Da mesma forma, os vários circuitos de beneficiamento e comercialização do café e dos "gêneros da terra" deram margem ao surgimento de uma multiplicidade de atores sociais, cujo cenário era a vida urbana. Compradores de café, donos de máquinas de beneficiamento

de café e arroz, compradores de algodão, "machinistas", comerciantes atacadistas, negociantes, agentes de negócios em comissão etc. foram personagens que povoaram nossas cidades interioranas desde o final do século passado. Os nexos entre estes agentes sociais não foram irrelevantes para a urbanização. Font (1982; 1987) sustenta mesmo que o crescimento de importância da capital (São Paulo), no fim do século XIX, em detrimento de Jundiaí e Campinas - cidades interioranas que polarizavam as atividades comerciais ligadas ao café - se apoia no desenvolvimento de segmentos produtivos não-dominantes. Ou seja, São Paulo polarizaria os circuitos de produção e comercialização de café e gêneros provenientes da pequena produção mercantil que se expande consideravelmente à época.

Não cabe neste trabalho uma revisão exaustiva da bibliografia sobre o período. O importante a ressaltar é que ao se aproximar o fim do século XIX a sociedade brasileira e especialmente a sociedade paulista encontrava-se em um estágio bastante avançado de divisão sócio espacial do trabalho. Uma das manifestações deste estágio é a rede urbana interiorana, e a própria feição que as cidades assumem. Não apenas o Rio de Janeiro e São Paulo, mas também as pequenas e médias cidades do interior paulista experimentam à época transformações em sua paisagem social e urbana. Investimentos em infraestrutura alteram as condições de vida nas pequenas e médias cidades do interior, seguindo muito de perto ou sendo mesmo contemporâneos àqueles da capital. Reproduzem-se no interior de São Paulo as materializações dos ideais estéticos e do conforto que surgiam à época. Saneamento, iluminação pública, embelezamento e traçado urbano, foram áreas de intensa atividade, promovida pela iniciativa pública, mas predominantemente particular.

Muitos autores têm se perguntado acerca do impacto da imigração estrangeira na urbanização paulista (MORTARA, 1946; SIMONSEN, 1939; DEAN, 1975). Esse impacto está melhor documentado para a cidade de São Paulo, capital do Estado (MORSE, 1970). Contudo, ele foi também significativo no interior. Mais que em números ou quantidades a imigração estrangeira deu às cidades paulistas do interior uma coloração diferente, pela multiplicidade de profissões e ocupações a que se dedicaram os europeus que para aqui se dirigiram.

OS ITALIANOS NO AMPARO

Não sabemos ao certo quantos dos imigrantes italianos entrados em São Paulo nas últimas décadas do século XIX dirigiram-se para o Amparo, cidade que polarizava uma pequena, mas importante área cafeeira na região de Campinas[1]. Os dados, poucos e esparsos,

[1] Semeghini (1988) menciona o período de 1886-1918 como primeiro ciclo longo de expansão do café no

impedem a construção de séries temporais anteriores ao início do século XX. Se disponíveis, estas informações permitiriam uma avaliação quantitativa da contribuição do imigrante estrangeiro e, especificamente, do italiano na população da cidade e do Município.

Sabemos que já em 1886 os italianos constituíam o maior contingente de estrangeiros no Amparo. Com uma população de 17.325 habitantes, os estrangeiros representavam 8,9% do total (1.540 estrangeiros), dos quais 666 eram italianos. Destacavam-se além deles os portugueses (300 pessoas) e os austríacos (301 pessoas)[2]. O número de italianos do Amparo aquele ano só era superado pela capital do Estado de São Paulo, por Belém do Descalvado e São Carlos, os dois últimos localizados em região de expansão cafeeira à época. Não são disponíveis informações para Campinas, que provavelmente concentrava um bom número de imigrantes italianos.

Para os anos de 1898, 1899 e 1900 temos apenas informações sobre o número total de estrangeiros que, saídos da Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, dirigiram-se para localidades do interior. Estes dados não discriminam a nacionalidade dos imigrantes.

Como pode ser visto pela Tabela 1, o número de imigrantes estrangeiros destinados ao Amparo é pequeno, tanto em termos absolutos, quanto relativamente ao conjunto dos que se dirigiram ao interior. As cifras são também inferiores às relativas à Campinas, principal centro cafeeiro da região.

Contudo, o fluxo de imigrantes para o Amparo se mantém ao iniciar-se o século XX, até com um incremento do número de estrangeiros, apesar de a cafeicultura já apresentar alguns sinais de declínio. Já neste século, os dados discriminam a nacionalidade dos imigrantes estrangeiros. Os dados da Tabela 2 permitem observar a importância da participação dos italianos, semelhante à maioria das localidades do interior. Essa participação é maior do que aquela evidenciada para a capital em todos os anos mencionados na Tabela. A proporção de italianos dentre os imigrantes declina a partir de 1904, provavelmente em consequência das restrições à emigração para o Brasil.

Oeste Paulista, apoiando-se em autores como Cardoso de Mello (1975) e Cano (1981). O auge desta fase compreende o período de 1886-1897, seguindo-se outro onde a crise já se faria presente. O período focalizado neste trabalho coincide com o auge cafeeiro em sua maior parte.

[2] SÃO PAULO. Comissão Central de Estatística (1888).

TABELA 1 – Imigrantes saídos do alojamento da Capital para Amparo, Campinas, conjunto do Interior, Capital e total do Estado - 1898 a 1910

ANO	Municípios				
	AMPARO	CAMPINAS	INTERIOR	CAPITAL	TOTAL ESTADO
1898	104 (0,4)	383 (1,4)	23.713 (87,1)	3.221 (11,8)	27.214 (100,0)
1899	275 (1,9)	439 (3,1)	14.252 (100,0)		
1900	189 (1,4)	379 (2,8)	12.010 (90,5)	1.152 (8,7)	13.264 (100,0)
1901	996 (1,9)	2.000 (3,7)	49.661 (93,0)	3.763 (7,0)	53.424 (100,0)
1902	287 (1,1)	623 (2,4)	23.954 (92,7)	1.880 (7,3)	25.834 (100,0)
1903	98 (1,5)	250 (2,4)	5.905 (91,4)	555 (8,6)	6.460 (100,0)
1904	399 (2,5)	430 (2,7)	15.204 (95,4)	734 (4,6)	15.938 (100,0)
1905	679 (1,8)	957 (2,6)	34.326 (93,2)	2.522 (6,8)	36.848 (100,0)
1906	507 (1,4)	1.374 (3,8)	32.909 (91,5)	3.045 (8,5)	35.954 (100,0)
1907	314 (1,5)	449 (2,2)	18.858 (92,8)	1.465 (7,2)	20.323 (100,0)
1908	159 (0,5)	503 (1,7)	26.610 (91,5)	2.485 (8,5)	29.095 (100,0)
1909	177 (0,6)	842 (2,7)	27.682 (94,2)	1.689 (5,8)	29.371 (100,0)
1910	135 (,04)	828 (2,7)	29.106 (94,9)	1.577 (5,1)	30.683 (100,0)

Fonte: 1898 a 1900. SÃO PAULO (Estado). Secretaria dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Relatórios correspondentes aos anos de 1898, 1899 e 1900, apresentados ao Presidente do Estado. S.Paulo, SP, Typ. do Diário Official.
1901 a 1910. SÃO PAULO (Estado). Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. Anuário Estatístico de São Paulo de 1901 a 1910. São Paulo, SP, Typ. do Diário Official.
OBS: O total de imigrantes que foram para o interior de 1901 a 1910 foi calculado substraindo-se os imigrantes que ficaram na capital do total dos imigrantes que se dirigiram para o Estado.

Apesar disso, os italianos ainda permanecem como o maior grupo de imigrantes destinados ao Amparo (62,9% dos imigrantes), perdendo esta posição para os espanhóis em 1905 e 1906 (Tabela 3). Em 1907 a participação dos italianos volta a se elevar, representando 73,6% dos estrangeiros saídos da Hospedaria para o Amparo. Sua importância numérica declina nos anos seguintes, até que em 1910 apenas 33 italianos dirigem-se ao Amparo, constituindo-se em 24,4% dos 135 imigrantes que para lá se destinaram.

TABELA 2 – Italianos no conjunto de estrangeiros saídos do alojamento da Capital para Amparo, Campinas, Interior, Capital e Total do Estado - 1901 a 1910

ANO	MUNICÍPIO				TOTAL ESTADO
	AMPARO	CAMPINAS	INTERIOR	CAPITAL	
1901	818 (84,7)	1.635 (81,7)	41.228 (83,0)	1.946 (51,7)	43.174 (80,8)
1902	238 (82,9)	518 (83,1)	20.556 (85,8)	1.298 (69,0)	21.854 (84,6)
1903	84 (85,7)	202 (80,8)	4.589 (77,7)	414 (74,6)	5.003 (77,4)
1904	251 (62,9)	203 (47,2)	6.111 (40,2)	239 (32,6)	6.350 (39,8)
1905	203 (29,9)	305 (31,9)	8.384 (24,4)	265 (10,5)	8.649 (23,5)
1906	186 (36,7)	353 (25,7)	9.130 (27,7)	351 (11,5)	9.481 (26,4)
1907	231 (73,6)	316 (70,4)	7.949 (42,1)	383 (26,1)	8.332 (41,0)
1908	74 (46,5)	189 (37,6)	7.350 (27,6)	404 (16,3)	7.754 (26,6)
1909	79 (44,6)	371 (44,1)	7.086 (25,6)	336 (19,9)	7.422 (25,3)
1910	33 (24,4)	171 (20,6)	6.391 (21,9)	185 (11,7)	6.576 (21,4)
1908	74 (46,5)	189 (37,6)	7.350 (27,6)	404 (16,3)	7.754 (26,6)
1909	79 (44,6)	371 (44,1)	7.086 (25,6)	336 (19,9)	7.422 (25,3)
1910	33 (24,4)	171 (20,6)	6.391 (21,9)	185 (11,7)	6.576 (21,4)

Fonte: SÃO PAULO (Estado). Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. Anuário Estatístico de São Paulo de 1901 a 1910. São Paulo, SP, Typ. do Diário Official.

OBS: Os números referentes aos italianos que se dirigiram para o interior, em cada ano, foi calculado substraindo-se os italianos que ficaram na capital do total de italianos que se dirigiram para o Estado.

Por estes dados, é razoável supor que a participação dos italianos no contingente de imigrantes estrangeiros entrados no Amparo na última década do século XIX, período que nos interessa, tenha sido pelo menos igualmente significativa. Segundo as informações, entre 1887 e 1900 entraram no Estado de São Paulo 890.670 italianos, constituindo-se este o período áureo da imigração italiana para o Brasil (CAMARGO, 1981). É apenas no século XX que outras nacionalidades começam a rivalizar com os italianos no conjunto da imigração estrangeira para São Paulo.

De outra natureza são as informações fornecidas pelos Almanaques de Amparo, publicações locais que contém indicações sobre as atividades econômicas, sociais e culturais existentes à época. Com estas informações é possível identificar o papel do imigrante italiano e sua inserção na sociedade local.

As informações utilizadas provem dos Almanaques publicados em 1888, 1890, 1892, 1894, 1896 e 1900. Referem-se, predominantemente, à Sede do Município do Amparo, mas incluem também dados de Pedreira, Monte Alegre, Entre-Montes e mais cerca de 70 bairros ou aglomerados rurais polarizados por Amparo e situados dentro dos limites do Município em fins do século XIX.

Vale lembrar que os Almanaques - dadas as fontes em que se baseiam - não fazem referência aos trabalhadores nas lavouras como colonos e empregados, nem aos empregados do Comércio, Manufatura e Artesanato, salvo se proprietários dos estabelecimentos. Exceções a esta regra dizem respeito aos servidores públicos civis e militares, aos empregados nas estações ferroviárias e àqueles que dispunham de uma qualificação "especial", como tipógrafos, por exemplo.

TABELA 3 – Imigrantes saídos da hospedaria da Capital para Amparo por nacionalidade 1901 a 1910

ANO	ITALIANOS	PORTUGUESES	ESPANHÓIS	OUTROS	TOTAL
1901	818 (84,7)	37 (3,8)	99 (10,2)	12 (1,3)	966 (100,0)
1902	238 (82,9)	14 (4,9)	21 (7,3)	14 (4,9)	287 (100,0)
1903	84 (85,7)	7 (7,1)	6 (6,1)	1 (1,1)	98 (100,0)
1904	251 (62,9)	28 (7,0)	70 (17,5)	50 (12,6)	399 (100,0)
1905	203 (29,9)	56 (8,2)	419 (61,7)	1 (0,2)	679 (100,0)
1906	186 (36,7)	35 (6,9)	265 (52,3)	21 (4,1)	507 (100,0)
1907	231 (73,6)	4 (1,3)	61 (19,4)	18 (5,7)	314 (100,0)
1908	74 (46,5)	32 (20,1)	44 (27,7)	9 (5,7)	159 (100,0)
1909	79 (44,6)	43 (24,3)	45 (25,4)	10 (5,7)	177 (100,0)
1910	33 (24,4)	50 (37,0)	19 (14,1)	33 (24,5)	135 (100,0)

Fonte: SÃO PAULO (Estado). Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. Anuário Estatístico de São Paulo de 1901 a 1910. São Paulo, SP, Typ. do Diário Official.

Na agricultura, a presença dos italianos como proprietários é muito pequena, embora crescente ao longo dos anos. De apenas 3 em 1888, isto é, menos de 1% do total, chegam a 5% em 1900. Esse crescimento é bastante superior ao incremento de lavradores em geral observado àqueles anos.

A evolução do número de proprietários no Amparo sugere um crescimento da pequena propriedade. Embora não comparáveis, os dados dos Almanaques são consistentes com aqueles apresentados pelas Estatísticas Agrícolas e Zootécnicas de 1904/1905[3]. De 733 propriedades cadastradas no Amparo, 84 ou 11,5% do total são de italianos. Sem dúvida são elas pequenas propriedades, pois ocupam apenas 4,4% da área total das propriedades e 3,2% do valor das terras. De fato, como pode ser visto pela Tabela 4, a proporção de italianos proprietários é elevada e maior do que aquela encontrada para o total de proprietários independentemente da nacionalidade (61,9% contra 47,5%, respectivamente). O peso da pequena propriedade entre os proprietários italianos responde pela área média consideravelmente menor das propriedades de italianos (Ver Tabela 4).

[3] SÃO PAULO. Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas. São Paulo, SP, 1908.

Os dados mencionados sugerem que já na primeira geração de imigrantes os italianos tornaram-se proprietários. Se já chegaram com algum recurso que lhes permitiu o acesso à terra ou se aqui acumularam algum pecúlio como colonos de café, não o sabemos. Sabemos, no entanto, tratarem-se, em sua maioria provavelmente, de lavradores pobres ou, pelo menos, pouco abastados[4].

Nas atividades urbanas, a presença do italiano pode ser avaliada em cada setor de atividades em que estiveram presentes e pela diversidade de ocupações em que estiveram envolvidos. Podemos mesmo dizer que alguns serviços urbanos deveram-se à presença de italianos no Amparo[5].

TABELA 4 – Propriedades rurais e propriedades rurais de italianos em Amparo 1904/1905

PROPRIEADDES RURAIS	TOTAL	DE ITALIANOS
N. de Propriedades	733	84
%	(100,0)	(11,5)
Área (em alqueires)	23.453,25	1.030,75
%	(100,0)	(4,4)
Área Média (em alqueires) (Área/n. propriedades)	32	12,3
Valor	28.863:580$000	937:700$000
%	(100,0)	(3,2)
Propriedades com até 10 alqueires	348	52
Propriedades até 10 alqueires	47,5	61,9
N. de Propriedades		

Fonte: SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Agricultura, Comércio e Obras Públicas 1908. Estatística Agrícola Zootécnica dos Distritos Agrícolas do Estado de São Paulo (ano agrícola 1904-1905). São Paulo, SP, Typ. Brazil.

A presença italiana se sobressai no setor de Artesanato e Manufatura e no Comércio. Comecemos pelo primeiro (Ver tabela 5).

Em 1888, os italianos representavam 35,8% nas atividades artesanais e manufatureiras, atingindo mais de 50% em 1900. É bom lembrar que a atividade de transformação à época, com exceção dos estabelecimentos têxteis e outros poucos, eram

[4] Conforme Dean (1976) e Barreiro (1986) para uma discussão do acesso à terra pelos imigrantes.

[5] Vale aqui uma observação sobre os dados. Dadas as características das informações, as pessoas podem aparecer em mais de uma atividade em um mesmo ano. Assim, para o conjunto das atividades e setores, estamos tratando de pessoas/atividades, cuja soma é maior que o número de pessoas desempenhando o conjunto de atividades, e maior que o número de estabelecimentos em cada uma. Isto vale para cada setor ou tipo de atividade no interior de cada setor e para o total.

"indústrias de fundo de quintal", ou seja, pequenas oficinas ou estabelecimentos com o empate de pequeno capital (SIMONSEN, 1939). A atividade manufatureira requeria, provavelmente, mais o conhecimento de processos ou o domínio do "saber fazer" do que propriamente de capital. Uma certa qualificação técnica era portanto, exigida, o que talvez esclareça a precoce presença do imigrante nas atividades manufatureiras e/ou artesanais no Amparo e demais cidades, inclusive na capital[6].

O fato de os italianos estarem presentes nas atividades do ramo manufatureiro desde os primeiros tempos da imigração sugere que parte dos imigrantes europeus fixou-se nas cidades logo à chegada, ou o fizeram após um curtíssimo estágio na lavoura. Imigrantes pobres em sua maioria, mesmo trazendo consigo alguns recursos, estes não seriam suficientes para que pudessem estabelecer-se em atividades que exigissem maior volume de capital. Talvez por esta razão, os italianos são uma exceção em ramos como, por exemplo, o beneficiamento, torrefação e moagem do café. Alguns destes estabelecimentos estão incluídos no setor da Manufatura e Artesanato. Apesar da presença italiana significativa no Comércio em geral, como veremos adiante, compradores e comissários de café raramente eram italianos.

O ramo de Alimentos e Bebidas parece ter sido no setor manufatureiro aquele em que os italianos mais se destacaram. Em 1888 eram 14 italianos em 19, crescendo sua participação para 29 em 31 no ano de 1900. No Amparo, a fabricação de massas e biscoitos era feita exclusivamente por italianos. O mesmo ocorre com a fabricação de cervejas, licores e bebidas gasosas em 1888, sendo sua presença dominante nas demais datas. Nas padarias também há o predomínio italiano.

A fabricação e o reparo de sapatos era outro ramo que dependia do imigrante italiano. Em 1888, 8 entre 10 sapateiros e/ou sapatarias eram de italianos, assim como 23 dos 24 existentes em 1892. Este ramo é um bom exemplo das dificuldades de classificação das atividades existentes à época. O anúncio de um sapateiro estabelecido no Amparo em 1890, reproduzido a seguir, mostra como a fabricação, o comércio e os serviços eram atividades reunidas em um mesmo negócio. Esta situação era frequente neste e em outros ramos de atividades.

---

[6] Dados sobre as características dos imigrantes estrangeiros de 1908-1936 revelam que 50,24% dos italianos era constituída por não lavradores (SÃO PAULO. Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, 1937), gente de ofício que para cá emigrou por falta de outras oportunidades. Como já aventamos anteriormente, esta pode constituir uma razão para a inadaptação de uma proporção considerável de europeus que saíram do Brasil, retornando à terra natal ou dirigindo-se a outros países.

TABELA 5 – AMPARO - Manufatura e artesanato totais de pessoas/atividades e a participação dos italianos por ramo de atividade 1888 a 1900

RAMO DE ATIVIDADE	1888		1892		1890		1894		1896		1900	
	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL
Alimentos e Bebidas	14	19	18	23	26	32	26	30	27	32	29	31
Calçados	8	10	18	21	23	24	26	28	23	27	19	25
Metais	16	22	14	20	17	22	14	16	12	22	14	18
Material de Transporte	1	1			6	8	8	11			4	6
Constr. Civil e Afins	7	53	10	48	18	60	26	63	19	55	9	26
Vestuário	6	11	5	23	12	28	14	29	7	25	13	21
Instrumentos de Precisão	1	5	3	7	6	15	4	7	3	4	4	8
Joias e Afins												
Outros: Artes. e Manufat.	4	38	11	41	6	45	4	47	4	32	17	62
TOTAL	**57**	**159**	**77**	**183**	**114**	**234**	**122**	**231**	**95**	**197**	**109**	**197**
(%) de Italianos	35,8	100	42,1	100	48,7	100	52,8	100	48,2	100	55,3	100

Fonte: Almanaques do Amparo.V.

SAPATARIA GUARANY
DE
FELICIO MARIA FALCE

Grande quantidade de chinellas de fantasia para senhoras, e de toda e qualquer qualidade de calçado, para homens, senhoras e creanças.
Grande sortimento de sapatões.
Aprompta-se toda e qualquer obra com a maxima perfeição e brevidade.
Deposito de couros, sollas e miudezas proprias para sapateiros. Recebe-se encommendas para qualquer ponto do Estado.
Chinellos de vaqueta, para homens, duzia, 12$
Ditos para senhoras, de phantasia, duzia, 12$.
PREÇOS RAZOAVEIS
Sapatões, botas e botinas
LARGO DO ROSARIO, N. 40
AMPARO

Fonte: Almanaque de Amparo (1890).

No ramo do vestuário, em especial nas atividades de alfaiates e costureiras, era grande a presença italiana. São oito os alfaiates italianos dos 11 existentes em 1900, em

termos relativos é o ano em que o percentual de italianos é maior. Em números absolutos o maior número de alfaiates italianos aparece em 1892 com 12 num total de 20.

Em todos os ofícios agrupados sob a denominação "metais" - ferreiro, funileiro, serralheiro e caldeireiro -, a participação dos italianos se destaca, sendo que algumas dessas atividades são exercidas quase que exclusivamente por eles, como por exemplo, "folheiro e/ou funileiro".

Nas atividades ligadas à construção civil, ramo bastante numeroso no Amparo, os italianos convivem com a presença significativa de profissionais de outras nacionalidades, mas sua presença não é desprezível. Ao contrário, marceneiros e marmoristas são com frequência, italianos, o mesmo ocorrendo, em menor intensidade, com os pedreiros.

Outras categorias, embora menos numerosas, tiveram a participação decisiva do imigrante italiano. Encontramos italianos como joalheiros, relojoeiros e/ou ourives, na fabricação de louças e olaria, nas atividades ligadas a madeira e mobiliário, no ramo de perfumaria, sabões e velas e de couros, peles e afins. Nestes ramos algumas atividades são exercidas exclusivamente ou quase por italianos em alguns anos como, por exemplo, entalhador, serraria, fabricação de cera e curtume. Também no ramo de transporte, apesar de pequeno, os italianos predominam. Nesse ramo, responsável pelo fabrico e reparo de carros, carroças e "trolys", não-italianos constituem exceção à regra.

O segundo setor de maior participação de imigrantes italianos é o Comércio. Ali os italianos constituem 28,9% do total em 1888, chegando a quase 50% em 1900. A presença mais notável é no comércio varejista em geral, envolvendo secos e molhados, fazendas, ferragens, roupas feitas, armarinho etc. São 45 italianos em 136, em 1888 (33,1%), atingindo 89 dos 183 em 1900 (48,6%) (Ver tabela 6).

Embora em pequeno número, os mascates no Amparo são quase sempre italianos, exceção feita a um mascate mencionado no ano de 1894. Também no ramo constituído por botequins, bilhares, hospedarias, hotéis e restaurantes a presença dos italianos é marcante, variando de 25%, em 1890, a 48,9% em 1900. Além destes ramos, no comércio de carnes os italianos predominaram de modo crescente ao longo dos anos considerados. De 1 em 12 açougueiros em 1888 passam para 16 em 19, em 1900.

TABELA 6 – AMPARO - Comércio totais de pessoas/atividades e a participação dos italianos por ramo de atividade 1888 a 1900

RAMO DE ATIVIDADE	1888		1890		1892		1894		1896		1900	
	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL
Açougues e Afins	1	12	2	13	4	12	3	9	9	18	16	19
Casas de Comércio e Afins	45	136	56	155	83	219	107	238	77	218	89	183
Estalagens e Afins	3	9	4	16	17	36	12	27	16	40	23	47
Outros: Comércio	3	23	6	33	14	69	21	70	11	57	11	8
TOTAL	**52**	**180**	**68**	**217**	**118**	**336**	**143**	**344**	**113**	**333**	**129**	**267**
(%) de Italianos	28,9	100	31,3	100	35,1	100	41,6	100	33,9	100	48,3	100

Fonte: Almanaques do Amparo.

Nos demais ramos do Comércio, a presença italiana é inexpressiva. São poucos os italianos compradores de café, comissários ou proprietários de Casas de Comissão, como já havíamos mencionado.

Valem a pena algumas observações sobre o caráter da atividade comercial em Amparo. Os anúncios publicados à época nos Almanaques indicam uma pequena especialização dentro da atividade comercial. Os estabelecimentos oferecem, em geral, uma diversidade de itens, como o "Grande Armazém e Padaria de Luiz Lorenzetti" em 1890, que possuía também um "Curtume e Depósito de Couros", estando o depósito localizado junto ao armazém. Havia também vários tipos de atividade comercial em um mesmo estabelecimento. Venâncio Poleschi e Irmão vendiam por atacado e a varejo na "Loja de Fazendas e Armazém de Seccos e Molhados". Alguns faziam também intermediação comercial, como Giorgi Miguel, cujo comércio em Pedreira incluía "Armazém de Seccos e Molhados", "Loja de Roupa-feita, Ferragens, Fazendas, Chapéos, Armarinho" e "Casa de Comissões".

Essas características exprimem o grau de divisão social do trabalho em que se encontrava a sociedade àquela época.

Nos demais setores de atividades urbanas, ainda há que se destacar a presença italiana nos Serviços em Geral - barbeiros, cabeleireiros, tinturaria e outros - categoria pouco numerosa, onde representam entre 20,8% e 37,5% das pessoas envolvidas. Como profissionais liberais, apesar da pequena atividade dos italianos, vale ressaltar que já em 1888 havia um médico italiano em Amparo e eram italianas todas as parteiras mencionadas. Os três italianos

diretores de escola citados em 1896 e os dois citados em 1900, dirigiam escolas particulares fundadas por italianos.

Hotel Brazil
DE
RAPHAEL PALMIERI
Este antigo e conhecido estabelecimento acha-se montado em condições de rivalisar com qualquer outro do mesmo genero, offerecendo todas as commodidades necessarias ás Exmas. Familias e aos SRS. VIAJANTES.
Situado á pequena distancia da estação da linha ferrea, e em um excellente predio, torna-se summamente vasto para os empregados viajantes das casas commerciaes da capital. Os seus PREÇOS são relativamente MODICOS. Fornece comida para fóra e
ACEITA PENSIONISTAS A PREÇOS MODERADOS.
RUA 13 DE MAIO, em frente ao bilhar do sr. A. PALMIERI
AMPARO

Fonte: Almanaque de Amparo.

AO QUEIMA

LOJA DE FAZENDAS

EBOLI & IRMÃOS

13, RUA 10 DE MARÇO, 13

Nesta acreditada Loja de Fazendas que acaba de abrir-se ha pouco tempo nesta cidade e que já tem sido assás protegida pelo publico de modo a não receiar confronto com os mais antigos estabelecimentos, encontrarão as pessoas de bom gosto não só tudo aquillo que mais lhes possa lisongear a vaidade, como tambem o que se torna indispensavel para as commodidades da vida.

Os preços desta casa justificam o seu titulo

AO QUEIMA

não tem confronto com *quaiquer* outra na modicidade de preços, *nem* na qualidade dos artigos. A divisa da casa é

GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO

Rua 10 de Março n. 13

ANTIGA DO ROSARIO

AMPARO

Fonte: Almanaque de Amparo.

AO

Grande Armazem e Padaria

DE

Luiz Lorenzetti

Este conceituado estabelecimento tem sempre á venda um variadissimo e completo sortimento de todas as qualidades de bebidas e outros generos concernentes a este ramo de negocio, como louça, armarinho, assucar, sal, ferragens e generos da terra.

Tem uma excellente padaria, que é uma das melhores da cidade. Vende todos os seus generos muito em conta, offerecendo grandes vantagens ao freguez, pela modicidade de seus preços.

LARGO DA ESTAÇAO

AMPARO

CORTUME E DEPOSITO DE COUROS

DE

Luiz Lorenzetti.

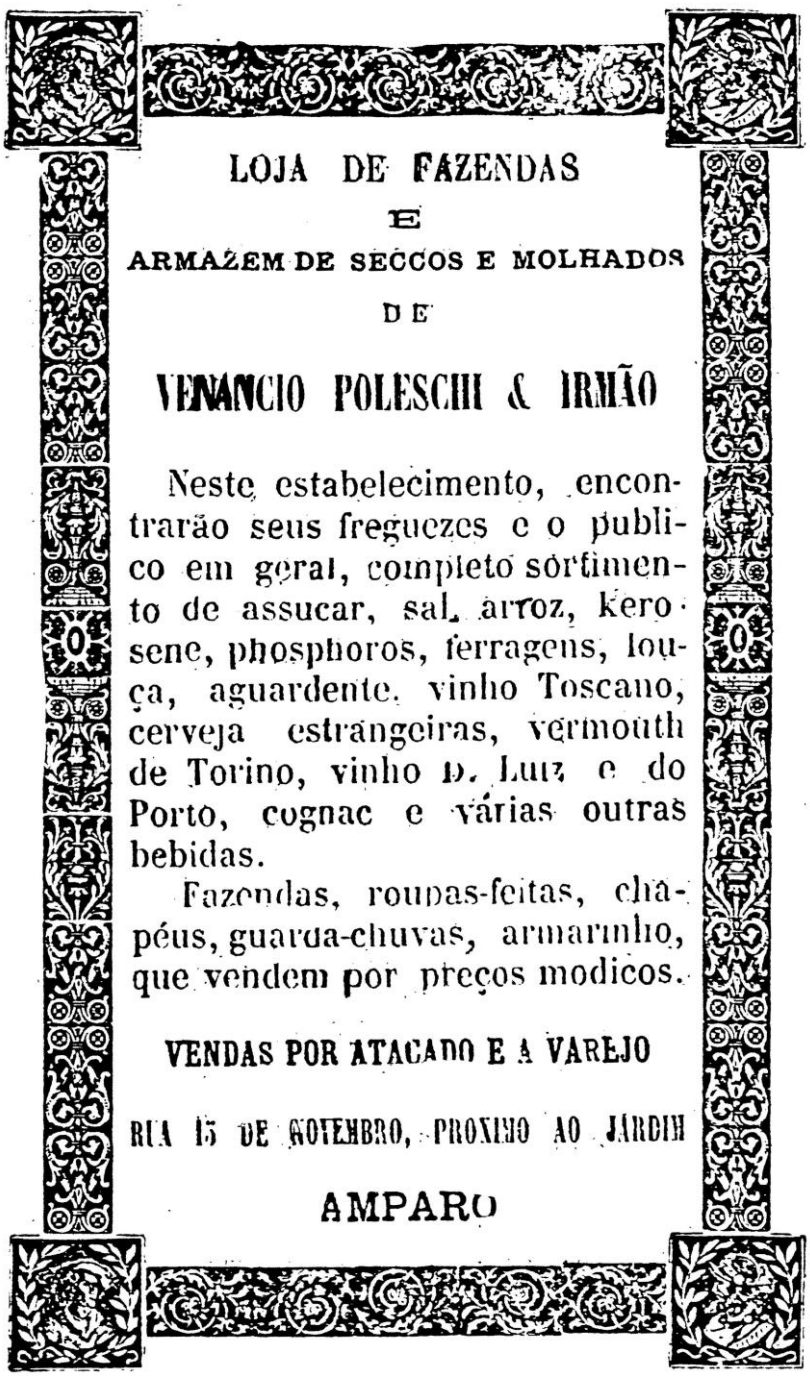
Tem um bem montado cortume de couros e um excellente deposito dos mesmos, assim como de pelles de diversos generos, etc. Grande sortimento de sola e atanados para selleiro e sapateiro. A officina do cortume está estabelecida no RIBEIRÃO, e o deposito n'esta cidade, na mesma casa onde está o Armasem do abaixo assignado. PREÇOS MODICOS.

Largo da Estação

AMPARO

Fonte: Almanaque de Amparo.

Fonte: Almanaque de Amparo , 1892



LOJA DE FAZENDAS

E

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS

DE

VENANCIO POLESCHI & IRMÃO

Neste estabelecimento, encontrarão seus freguezes e o publico em geral, completo sortimento de assucar, sal, arroz, kerosene, phosphoros, ferragens, louça, aguardente, vinho Toscano, cerveja estrangeiras, vermouth de Torino, vinho D. Luiz e do Porto, cognac e várias outras bebidas.

Fazendas, roupas-feitas, chapéus, guarda-chuvas, armarinho, que vendem por preços modicos.

VENDAS POR ATACADO E A VAREJO

RUA 15 DE NOVEMBRO, PROXIMO AO JARDIM

AMPARO

Fonte: Almanaque de Amparo.

No setor de "Finanças" - que reúne os Acionistas de Bancos e de Companhias Ferroviárias, os capitalistas, os Agentes, Direção e Empregados e Casas Bancárias - a presença italiana é insignificante. O mesmo ocorre na "Magistratura e Empregos Civis" e "Transporte e Comunicação". Não há igualmente italianos no setor de "Serviços Urbanos" - empresário e/ou zelador de iluminação e limpeza públicas e telefonia.

Algumas observações merecem ser feitas com relação ao quadro delineado nas páginas anteriores.

Em primeiro lugar, destaca-se a diversidade de ocupações e atividades urbanas em que o imigrante italiano em Amparo esteve envolvido. Vale observar algo para o que já havíamos chamado a atenção anteriormente. Os dados disponíveis excluem empregados e trabalhadores braçais de um modo geral, com algumas exceções. E é exatamente onde se supõe ter sido dominante a presença italiana - colonos e trabalhadores nas fazendas de café - que os Almanaques são omissos. Portanto, ao tratarmos de atividades urbanas, tratamos de atividades que envolvem estabelecimento de um negócio, trabalho por conta própria ou envolvendo uma qualificação especial. Isto vale também para as atividades agrícolas, no caso incluindo apenas lavradores em suas próprias terras.

Comparativamente falando, a presença italiana foi mais marcante na cidade do que na lavoura, se nos ativermos às limitações dos dados. Qualificando melhor a observação, podemos dizer que as atividades urbanas ofereceram aos italianos maiores possibilidades de inserção social diferenciada do que a agricultura (Ver tabela 7).

Em segundo lugar, por tratar-se da última década do século XIX, as informações aqui analisadas sugerem que já a primeira geração de imigrantes italianos encontrou possibilidades de engajamento fora da lavoura. É possível que filhos de imigrantes estejam também contados entre os italianos em ocupações urbanas; mas nada nos permite concluir que constituíssem a maioria.

Isto nos remete a um terceiro aspecto que vale a pena enfatizar. Os italianos que para aqui vieram dispunham de qualificações que os habilitavam ao exercício de atividades não-agrícolas. Além disso, trouxeram provavelmente consigo algum recurso que, embora eventualmente pequeno, permitiu-lhes estabelecerem-se por conta própria. Como já destacamos, os ramos de atividade em que estiveram envolvidos não requeria necessariamente grandes aportes de capital.

TABELA 7 – AMPARO - Atividades econômicas totais de pessoas/atividades e a participação dos italianos por setor de atividade 1888 a 1900

SETOR DE ATIVIDADE	1888		1890		1892		1894		1896		1900	
	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL	ITAL.	TOTAL
Artesanato e Manufatura	57	159	77	183	114	234	122	231	95	197	109	197
Comércio	52	180	68	217	118	336	143	344	113	333	129	267
Finanças	1	11		23	1	29	1	24		10	1	16
Profissionais Liberais	1	36	3	52	4	52	4	42	9	48	17	80
Serviços em Geral	1	4	1	6	3	10	3	10	2	9	9	24
Magistratura e Empr.Civis	1	60	5	64	6	88	4	59	1	42	2	61
Transporte e Comunicação	3	63	1	23	2	48	4	30	3	19	13	68
Serviços Urbanos	-		-		-		-			1		2
TOTAL ATIVIDADES URBANAS	**116**	**513**	**155**	**568**	**248**	**797**	**281**	**740**	**223**	**659**	**280**	**715**
(%) de Italianos	22,6	100	27,3	100	31,1	100	38,0	100	33,8	100	39,2	100
Agricultura e Pecuária	3	317	3	299	6	367	8	418	15	483	29	576
(%)	0,9	100	1,0	100	1,6	100	1,9	100	3,1	100	5,0	100
TOTAL GERAL	**119**	**830**	**158**	**867**	**254**	**1164**	**289**	**1158**	**238**	**1142**	**309**	**1291**
(%)	14,3	100	18,2	100	21,8	100	25,0	100	20,8	100	23,9	100

Fonte: Almanaques do Amparo.

Um quarto aspecto diz respeito à contribuição relativa do imigrante italiano. Seu peso populacional à época, não podemos aferir. Mas podemos dizer que a imigração italiana imprimiu às cidades cafeeiras uma qualidade distinta. Com o imigrante veio o serviço diferenciado, a pequena manufatura, responsável pelo suprimento de mercados locais e, em alguns casos, também regionais.

Um indicador adicional da integração do imigrante na sociedade local é a propriedade de imóveis urbanos. Dispomos de algumas informações sugestivas.

Tomando como fonte os Almanaques, podemos dizer que os italianos estiveram presentes como proprietários urbanos no Amparo durante toda a última década do século passado. As indicações sugerem que cresceu ao longo da década a proporção de italianos proprietários. De 4,6% do total de proprietários em 1888, passaram a 15,2% em 1896 e para 13,4% em 1900. Não dispomos ainda da informação acerca do número de imóveis envolvidos em cada ano. Sabemos apenas que eram frequentes os proprietários de mais de um imóvel

urbano.

Os dados para a primeira década do século XX confirmam a suspeita de que o imigrante italiano integrou-se com razoável rapidez à sociedade local. Dispomos de informações sobre o número de imóveis urbanos pertencentes a italianos em 1903.

Para 1909, os dados apresentam-se discriminados pela nacionalidade do proprietário, referindo-se a propriedade de imóveis por estrangeiros. Somente para 1908 e 1911 dispomos de informações sobre o total de imóveis urbanos nos municípios. Foi possível, desta maneira, estimarmos a participação relativa do imigrante italiano como proprietário urbano em torno dos anos 1908/1909[7].

Estas estimativas, reunidas na Tabela 8, indicam que a proporção de propriedades urbanas pertencentes a estrangeiros à época era considerável (35% do total em Amparo; 61,6% em Campinas). Dentre os estrangeiros, porém, os italianos estariam aparentemente em melhor situação, especialmente no Amparo. Nesta cidade 59% das propriedades urbanas de estrangeiros pertenciam a italianos, enquanto que para Campinas a proporção era de 38%. Essa situação é mais ou menos geral para os 117 municípios para os quais existem informações, com exceção do Vale do Paraíba e Litoral do Estado de São Paulo[8].

Os dados sugerem, porém, que os italianos possuíam imóveis relativamente mais modestos que os outros estrangeiros. A julgar pelas informações disponíveis para 1909, o valor médio do imóvel urbano pertencente a italianos era quase sempre menor que aquele para outras nacionalidades. Em vista disso, é preciso ter cautela em tomar a propriedade urbana como indicador de uma eventual ascensão social do imigrante[9]. O fato de terem se tornado proprietários urbanos indica apenas que, por terem trazido algum recurso ao emigrarem ou por terem acumulado algum pecúlio, os imigrantes italianos tiveram acesso à propriedade imobiliária urbana, ainda que modesta. O que é mais importante, porém, é salientar que a cidade foi uma destinação que competiu com a lavoura na absorção do braço imigrante.

---

[7] O mesmo não foi possível para 1903 e 1911. Para 1903 não temos informações sobre o total de imóveis urbanos e, em 1911, não sabemos quantos dos imóveis pertenciam a italianos.

[8] Os dados da capital são inconsistentes, pois o número de propriedades de estrangeiros é superior ao número total de propriedades em 1908/9. Este fato pode-se dever à diferença de fontes.

[9] Alvim (1986) comenta este aspecto a partir de dados de 1910, chamando a atenção para o fato de que enquanto os italianos ocupam o primeiro lugar entre os estrangeiros em número de propriedades urbanas, sua posição cai para o oitavo lugar em valor da propriedade, para um total de 11 nacionalidades em 111 municípios. Em São Paulo (capital) os imóveis de italianos localizavam-se principalmente em bairros pobres da época, como Brás, Bom Retiro, Barra Funda, etc. É preciso ter em mente que se os italianos eram em maior número que as outras nacionalidades, estas diferenças podem estar interferindo na proporção de imóveis italianos no total de imóveis de estrangeiros.

TABELA 8 – Propriedades urbanas pertencentes à estrangeiros, a italianos e total Amparo, Campinas e Capital 1908/1909

PROPRIEDADES URBANAS	AMPARO	CAMPINAS	CAPITAL(*)
TOTAL	1.876	5.128	28.996
Estrangeiros	658	3.161	30.727
Italianos	389	1.201	7.462
% Estrangeiros Total	35,0	61,9	
% Italianos Total	20,7	23,4	
% Italianos Estrangeiros	59,1	38,0	24,3
% Valor das propriedades italianas no total das propriedades estrangeiras	56,7	37,0	17,2

Fonte: Para 1908, informação sobre o número total de propriedades urbanas (Linha A), ver: SÃO PAULO. Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. Anuário Estatístico de São Paulo - 1908.
Para 1909, informação sobre o número de propriedades urbanas pertencentes a italianos e estrangeiros, ver: Breve notizia sulla colonizzazione e immigrazione nell Stato di S.Paolo. São Paulo, SP, Tipografia Brazil, 1909.
Nota: (*) Para a Capital os dados são incongruentes, o número total de propriedades em 1908 é menor do que o número de propriedades pertencentes a estrangeiros em 1909.

À GUISA DE CONCLUSÃO

A análise da inserção do imigrante italiano em Amparo conduz, como já havíamos chamado a atenção, para questões mais gerais da urbanização no período cafeeiro. No centro destas questões está a indagação sobre o que constitui o mundo urbano na sociedade e economia da época. Se é verdade que os dados aqui utilizados não permitem focalizar os processos mais gerais responsáveis pela aceleração da urbanização ao final do século XIX, eles possibilitam indicar alguns caminhos. Caminhos estes consistentes com análises sobre o período - algumas delas mencionadas na segunda parte deste trabalho. A análise aqui empreendida oferece, por assim dizer, algumas peças adicionais de um quebra-cabeças que, aos poucos vai adquirindo forma.

Não restam dúvidas de que a sociedade paulista no período cafeeiro era mais complexa que um sistema de classes dual permitiria. Fazendeiros de café e trabalhadores agrícolas conviviam com outros atores sociais, integrados em um sistema de trocas mais amplo. Nesse sistema, as cidades desempenharam papéis específicos. Destacam-se como funções urbanas a administração estadual e local, o comércio e a produção de manufaturas para consumo local e regional. A diversidade de atividades presentes em Amparo na última década do século XIX é inconsistente com a ideia de que predominavam unidades econômicas autárquicas, capazes de reproduzir as condições de autosuficiência em seus domínios e, portanto, requerendo muito pouco dos serviços oferecidos pelos centros urbanos. A forte presença da pequena propriedade em Amparo sugere, no entanto, que a sede do município e os aglomerados rurais por ela polarizados ofereciam aos pequenos proprietários e à população

rural de modo geral, serviços que, de outra forma, seriam incapazes de suprir. Desde o beneficiamento do café, a comercialização das safras de café e gêneros até o abastecimento de manufaturados eram funções da cidade.

Algumas características da diversificação das atividades urbanas chamam a atenção. Primeiro, o número elevado de estabelecimentos comerciais de secos e molhados. Eram armazéns que vendiam de tudo um pouco, roupa-feita, tecidos, gêneros da terra e outros trazidos da capital. Muitos deles associavam a venda no varejo ao comércio em comissão. Frequentemente seus proprietários anunciavam aceitarem "gêneros da terra em comissão". Somos levados a acreditar tratar-se da comercialização dos excedentes da pequena produção de proprietários agrícolas e de colonos de fazendas de café. A cidade, como já disse alguém, funcionava como o "empório" dos pequenos produtores.

Segundo, chama a atenção a multiplicidade de segmentos manufatureiros. Alguns deles atingiam com seus produtos um mercado regional, vendendo sua produção no atacado, como o caso de alguns sapateiros e sapatarias em Amparo. Outros serviam nitidamente como suporte da produção e circulação de mercadorias, como o segmento de oficinas de carros, carroças e "trolys", extremamente importante mesmo após a chegada dos trilhos da estrada de ferro.

Terceiro, fica a impressão de que o desenvolvimento urbano à época, atingia uma variedade de pontos no espaço constituído pela rede de trocas, mais ou menos simultaneamente. Não seria por diferenças na constituição interna destes centros que se poderia explicar prospectivamente o desenrolar das cidades cafeeiras, à medida em que se avança pelo século XX. Mas, ao contrário, sua posição na rede *vis a vis* os demais polos, especialmente aqueles capazes de disputarem uma liderança regional. Não restam dúvidas de que Amparo apresentava na última década sinais de dinamismo urbano (Oliveira, 1989). Também não restam dúvidas que a densidade econômica da região foi capaz de gerar vários núcleos urbanos além do Amparo, igualmente dinâmicos. No entanto, Amparo e sua região são polarizados por Campinas que ao longo do tempo se afirmar como núcleo daquela importante área cafeeira.

Nesse mundo social diferenciado, o imigrante europeu destaca-se pela possibilidade de ocupar determinados nichos de atividades na cidade. Essa possibilidade é dada, de um lado, pela diferenciação do mundo rural, em que transitam tanto o grande quanto o pequeno produtor. De outro, pelo domínio de um "saber fazer" específico, que desagua na produção artesanal de uma infinidade de itens de consumo direto e mesmo de bens intermediários.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Z. M. F. **Brava gente! Os italianos em São Paulo 1870-1920**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986

BARREIRO, J. C. **Campesinato e capitalismo.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1986. (Coleção Teses).

BREVE notizia sulla colonizzazione e imigrazione nello Stato di S.Paulo. S.Paolo: Typ. Brazil, 1909.

CAMARGO, J. F. **Crescimento da população do Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos**. São Paulo, SP: FIPE, 1981. (IPE/USP - Ensaios Econômicos, 14).

CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo.** São Paulo, 1981.

CARDOSO, F. H. Dos governos militares à Prudente Campos Sales. In: FAUSTO, B. (Ed.). **História geral da civilização brasileira.** São Paulo, SP: DIFEL, 1982. (Tomo III - O Brasil Republicano, v.1).

CARDOSO DE MELLO, J. M. **O capitalismo tardio.** 1975. Tese (Doutorado) – DEPE, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1975. (Mimeo).

DEAN, W. Coffee planters, politics and development in Brazil. **Latin American Research Review,** US, v. 22, n. 3 1987.

_____. A pequena propriedade dentro do complexo cafeeiro: sitiantes no município de Rio Claro, 1870-1920. **Revista de História,** São Paulo, SP, v. LIII, n. 106, p. 487-494, 1976.

_____. A industrialização durante a república velha. In: FAUSTO, B. (Ed.). **História geral da civilização brasileira.** São Paulo, SP: DIFEL, 1975. (Tomo III - O Brasil Republicano, v.1, Estrutura do Poder e Economia - 1889-1930).

FONT, M. Changing patterns in the social organization of the coffee export factor in São Paulo, 1889-1930. **Working Paper n. 268,** Michigan, University of Michigan, 1982.

GRANZIERA, R. G. **A guerra do Paraguai e o capitalismo no Brasil.** Campinas, SP: HUCITEC/UNICAMP, 1979.

LOPES, J. R. B. **Desenvolvimento e mudança social:** formação da sociedade urbano-industrial no Brasil. São Paulo, SP: Ed. Nacional, 1969.

KLEIN, H. S. **The social and economic integration of portugueses immigrants in Brazil in the late 19th and twentieth century**. 1989. (Mimeo).

MERTZIG, L. R. L. **As dificuldades de adaptação do imigrante no Estado de São Paulo:** repatriação e reimigração, 1889-1920. 1977. Dissertação (Mestrado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1977.

MORSE, R. **Formação histórica de São Paulo**. São Paulo, SP: DIFEL, 1970.

MORTARA, G. Distribuição da população brasileira, de 18 anos e mais, segundo ramos de atividade. **Boletim Geográfico,** Rio de Janeiro, RJ, Ano IV, n. 37, 1946.

OLIVEIRA, M. C. F. A. et al. **Transformações sócio-econômicas e dinâmica demográfica paulista: o café e a urbanização antes de 1930**. Campinas, SP, 1989. (Relatório Final, CNPq/NEPO/UNICAMP).

_____. Mercantilização e urbanização em São Paulo. **Textos NEPO 14,** Campinas, SP, 1988.

PACHECO, C. A. **Café e cidades em São Paulo:** um estudo de caso da urbanização na região de Araraquara e São Carlos, 1880/1930. 1988. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1988.

SÃO PAULO (Província). Comissão Central de Estatística. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo |pela| Comissão Central de Estatística**. Leroy King Book Walter, 1888.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Commércio e Obras Públicas. **Relatório apresentado ao Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves (Presidente do Estado) pelo Dr. Antonio Cândido Rodrigues (Secretário da Agricultura), anno de 1900.** São Paulo, SP, Typ. do "Diário Official",1901.

_____. **Relatório apresentado ao Presidente do Estado, Coronel Fernando Prestes de Albuquerque pelo DR. Alfredo Guedes, Secretário da Agricultura - 1899.** São Paulo, SP, Typ. do "Diário Official", 1900.

_____. **Relatório correspondente ao anno de 1898 apresentado ao Presidente do Estado, Cel. Fernando Prestes de Albuquerque pelo Dr. Alfredo Guedes, Secretário da Agricultura.** São Paulo, SP, Typ. do "Diário Official",1899.

SÃO PAULO (Estado). Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. **Annuário Estatístico de São Paulo de 1901 a 1910.** São Paulo, SP, Typ. do "Diário Official".

_____. Secretaria de Agricultura, Commércio e Obras Públicas. **Estatística Agrícola e Zootécnica de Amparo no anno de 1904-1905.** São Paulo, SP, Typ. Brazil, 1908.

_____. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. **Boletim da Diretoria de Terras, Colonização e Imigração.** São Paulo, SP, 1937.

SEMEGHINI, U. C. **Campinas (1860 a 1980): agricultura, industrialização e urbanização.** 1988. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1988.

SIMONSEN, R. **A evolução industrial do Brasil.** São Paulo, SP: Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1939.

VANGELISTA, C. **Le braccia per la fazenda:** immigrati e caiporas nella formazione del mercato del lavoro paulista (1850-1930). Franco Angeli Editore, 1982.

IMIGRAÇÃO E OPORTUNIDADES DE TRABALHO NO PERÍODO CAFEEIRO*

MARIA SILVIA C.B. BASSANEZI**

* Este texto, apresentado no II Encontro Nacional de Estudos do Trabalho (São Paulo, 30 de setembro e 1o. de outubro de 91), foi extraído de um trabalho mais amplo Imigrantes Estrangeiros no Município de Rio Claro que integrou o *rapport* coletivo Brasil-Portugal no Colóquio Long Distance Migration do XVII Congresso Internacional de Ciências Históricas (Madri, 1990).

** Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População (NEPO) da UNICAMP.

RESUMO

Este trabalho busca resgatar, através das informações contidas em Censos, Almanaques e documentos do Registro Civil, a participação estrangeira na estrutura de ocupações e na estrutura de posse da terra no período cafeeiro. Basicamente procura, através de um estudo de caso, mostrar o grau de inserção - e sua relação com o conjunto do processo imigratório - de cada um dos principais grupos de imigrantes nas múltiplas e diversificadas atividades de trabalho geradas e/ou ampliadas no desenrolar da expansão cafeeira no Oeste Paulista.

ABSTRACT

This work examines the foreing immigrant presence in the occupational structure and in the land tenure structure in São Paulo State, Brazil, during the so called "coffee times". Basically, shows through a case study the degree of inserction - and its relationship with whole immigration process - of each immigrant group in the multiplicity and diversity labor activities created and/or extended during the increase of the coffee plantation in West of São Paulo State.

IMIGRAÇÃO E OPORTUNIDADES DE TRABALHO NO PERÍODO CAFEEIRO

INTRODUÇÃO.....36

RIO CLARO E OS IMIGRANTES.....37

IMIGRANTES E AS OCUPAÇÕES.....46

IMIGRANTES E A POSSE DA TERRA.....64

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....69

REFERÊNCIA.....72

INTRODUÇÃO

De um modo geral, quando se pensa ou se fala no imigrante estrangeiro em São Paulo, o cenário imediato que se desenha é o do imigrante italiano na grande lavoura do café. Uma outra imagem que também aparece, com frequência, é a do imigrante operário na capital paulista.

De fato, foi a expansão cafeeira a responsável pelo volume que assumiu a imigração internacional em direção a este Estado brasileiro nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX. O imigrante estrangeiro substituiu o escravo como mão-de-obra no café e se constituiu no principal elemento da força de trabalho da indústria nascente na capital paulista.

Se for lembrado que o café igualmente criou condições para a expansão da malha ferroviária, reforçou e ampliou a rede urbana no interior do Estado, proporcionou direta ou indiretamente a abertura de espaços para a proliferação da pequena propriedade rural, pode-se inferir que outras oportunidades e alternativas de trabalho e residência se apresentaram ao imigrante, além da lavoura cafeeira propriamente dita e da indústria paulistana.

Resgatar, principalmente, estas oportunidades oferecidas e aceitas pelo imigrante estrangeiro em São Paulo, e outras provavelmente por eles criadas, é o objetivo do presente trabalho. Em outras palavras, esta busca mostrar, através de informações contidas nos Censos, Almanaques e documentos do Registro Civil, a participação estrangeira na estrutura de ocupações e na estrutura de posse da terra no interior paulista, através de um estudo de caso: o município de Rio Claro, na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Ao mesmo tempo, procura demonstrar que a participação e o grau de inserção dos diferentes grupos étnicos nessas estruturas, estavam vinculados ao processo imigratório como um todo, isto é, volume e composição da população imigrante, estratégia migratória adotada (familiar ou individual, subsidiado ou por conta própria), momento histórico e às condições de vida e trabalho oferecidas pela terra hospedeira nas áreas rurais e urbanas. Por outro lado, este trabalho permite entrever que a imigração ajudou a alimentar a demanda de mão-de-obra necessária ao crescimento econômico de Rio Claro no período, representado pela lavoura cafeeira, pela cultura de subsistência, pela ferrovia, pela indústria e urbanização.

RIO CLARO E OS IMIGRANTES

Na rota do café, este município participou já, em meados do século XIX, das primeiras experiências de introdução de mão-de-obra livre europeia na agricultura de exportação, iniciada por Vergueiro em sua Fazenda Ibicaba. Por essa ocasião, portanto, muito antes da abolição da escravatura, Rio Claro recebeu as primeiras famílias de suíços, alemães, portugueses e outros estrangeiros que se instalaram em suas principais fazendas cafeeiras, sob o regime de parceria[1]. Nessas fazendas rioclarenses foram criadas dez colônias, algumas das quais com mais de uma centena de trabalhadores estrangeiros (Quadro 1).

QUADRO 1 – Relação das colônias de parceria de Rio Claro 1852-1857

NOME DA COLÔNIA	NOME DO PROPRIETÁRIO	ANO DE FUNDAÇÃO	OBSERVAÇÕES
Boa Vista	Benedito Antonio de Camargo	1852	"Fundada com 90 colonos, teve depois mais 200"
Beri	Dr. José Elias Pacheco Jordão	1852	"Fundada com 90 Suíços"
Corumbataí	Pe. Manoel Rosa de Carvalho Pinto	1853	"Fundada com 18 colonos, durou pouco mais de 1 ano"
São João do Morro Grande	Ten. Cel. João Ribeiro dos Santos Camargo	1853	"Fundada com 21 portugueses"
São José do Corumbataí	Domingos José da Costa Alves	1854	"Teve cerca de 100 colonos"
Boa Vista (Morro Grande)	Anna Joaquina Nogueira Oliveira	1855	"Fundada com 80 e poucos Alemães"
Angélica	Casa Vergueiro e Cia.	1855	"Fundada com 137 Alemães e 8 Portugueses"
Covetinga	Dr. José Elias Pacheco Jordão	1855	"Fundada com 69 Alemães"
Sertão de Araraquara	Domingos José da Costa Xavier	1855	"Fundada com 56 Portugueses"
Itaúna	Inácio Xavier de Negreiros	1857	"Fundada com colonos vindos de outras colônias"

Fonte: Relatório apresentado ao Dr. Presidente do Estado de São Paulo pelo Dr. Jorge Tibiriçá. Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Commércio e Obras Públicas em 4.4.1893. Rio de Janeiro, RJ, Typ G. Ruizinger & Filho, 1893.

[1] Sobre **parceria** ver: Davatz (1980); Holanda (1967); Diniz (1973); Witter (1982); Stolcke (1986) e outros.

Muitos desses imigrantes não eram agricultores[2] e passaram a desenvolver nas próprias fazendas outras atividades, como carpinteiros de carroças, tanoeiros, seleiros, pedreiros e ferreiros. Outros chegaram a ser liberados pelos fazendeiros, passando a conduzir pequenos negócios na cidade e uns poucos até adquiriram um lote de terra (DEAN, 1977, p. 98).

As precárias condições de vida e trabalho nas fazendas acabaram por gerar muitas reclamações por parte dos colonos, as quais culminaram na Revolta de Ibicaba em 1856[3]. As repercussões que se seguiram fizeram com que a Alemanha proibisse a emigração para o Brasil e desanimaram os fazendeiros (poucos continuaram a manter colônias em suas propriedades). Um relatório de fevereiro de 1858 arrola algumas das colônias de parceria existentes no Estado de São Paulo em 1857[4]. Embora não liste todas elas, as informações que contém fornecem algumas pistas sobre os trabalhadores estrangeiros, na lavoura cafeeira no período, quanto à origem e ao volume. Os dados para o município de Rio Claro evidenciam uma imigração de caráter familiar com forte predominância de suiços-alemães. Os portugueses ocupavam o segundo lugar e a seguir vinham os alemães (Tabela 1).

Nos anos 60 e 70, praticamente, foram só os portugueses que continuaram chegando diretamente da Europa para o trabalho nas fazendas. Nesse momento, alguns fazendeiros estavam se utilizando de uma outra forma de organização do trabalho na lavoura cafeeira: **a locação de serviços** sob a qual empregavam ex-parceiros e outros recém-chegados[5].

[2] Tschudi (1858) lista "87 pretensos lavradores europeus contratados para os estabelecimentos de parceria em São Paulo, dos quais apenas 13 se tinham dedicado a atividades agrícolas em suas terras de origem. Dos restantes, 42 eram operários de fábricas, 6 sapateiros, 4 carpinteiros, 9 alfaiates, 3 soldados, 2 pedreiros, 2 ferreiros, 2 vidraceiros, 2 tanoeiros, 2 músicos ambulantes, 1 jornaleiro, 1 confeiteiro, 1 pintor, 1 serrador e 1 mestre escola" (DAVATZ, 1980, p. 17).

[3] Davatz (1980), op. cit.

[4] Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Commércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo (1893).

[5] O Relatório do Secretário do Estado dos Negócios da Agricultura, Commércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo (1893) relaciona 4 fazendas de Rio Claro onde o regime de trabalho era **locação de serviços**.

PROPRIEDADE	PROPRIETÁRIO	ANO FUNDAÇÃO	OBSERVAÇÃO
Cafeeiral	Barão de Porto Feliz	1866	"com alemães, portugueses e brasileiros"
Cafezal	Barão de Porto Feliz	1868	"com ex-colonos parceiros"
Boa Vista	Barão de Porto Feliz	1870	"com alemães, portugueses e brasileiros"
São José	Barão de Araraquara	1870	"com 70 colonos"

Nota: Dean (1977, p. 123) observa que em 1876 haviam 45 fazendas de Rio Claro que empregavam simultaneamente trabalhadores livres e escravos e que apenas 22 não possuíam trabalhadores livres.

Paralelamente, a construção da ferrovia, o desenvolvimento porque vinha passando o município e o consequente crescimento do núcleo urbano atraíram alguns grupos de estrangeiros vindos diretamente da Europa ou das colônias do sul do país e também os antigos parceiros da região. Tais imigrantes encontravam na cidade, como se verá a seguir, espaço para se dedicarem às atividades manufatureiras ou artesanais e ao comércio, vários deles conseguiram se tornar até pequenos proprietários.

TABELA 1 – Nacionalidade dos imigrantes nas colônias de parceria das fazendas cafeeiras de Rio Claro - 1857

COLÔNIAS	BRASIL		ALEMÃES		SUÍÇOS ALEMÃES		PORTUG.		BELGAS		TOTAL	
	FAM.	IND.	FAM.	IND.	FAM.	IND.	FAM.	IND.	FAM.	IND.	FAM.	IND.
Angélica	-	-	4	20	28	129	-	-	1	4	33	153
Boa Vista(B.A.de C.)	6	39	3	18	7	28	11	63	-	-	27	148
Beri e Covitinga	6	26	3	15	22	115	-	-	-	-	31	156
Boa Vista (A.J.N.O.)	-	-	1	8	-	-	9	38	-	-	10	46
São João do Morro GDE	2	14	-	-	-	-	5	23	-	-	7	37
TOTAL	**14**	**79**	**11**	**61**	**57**	**272**	**25**	**124**	**1**	**4**	**108**	**540**

Fonte: Davatz (1980, p. 38).

No ano de 1872, o primeiro Censo nacional do país contou 818 estrangeiros em Rio Claro (538 homens e 280 mulheres), que representavam na ocasião 7,4% da população livre do município. Aproximadamente, metade deles era constituída de alemães (45,2%); os portugueses colocavam-se em segundo lugar quanto ao volume (31,3%) e a seguir estavam os suíços (14,8%). Os italianos eram poucos (3,1%) e não havia espanhóis (Tabela 2).

A partir do final dos anos 70 e início dos 80, em virtude da grande expansão cafeeira e do declínio da escravidão, a imigração estrangeira, em direção a Rio Claro, iniciou uma nova fase, bem mais importante que a anterior quer quanto ao volume e composição da população imigrante por nacionalidade, quer quanto suas implicações.

TABELA 2 – População estrangeira em Rio Claro - 1872

NACIONALIDADE	HOMEM	MULHER	TOTAL
Alemã	227	143	370
Belga	3	5	8
Francesa	11	2	13
Holandesa	5	1	6
Italiana	22	3	25
Norte-Americana	1	-	1
Portuguesa	171	85	256
Suíça	86	35	121
Africana	12	6	18
TOTAL	**538**	**280**	**818**

Fonte: Recenseamento Geral da População Brasileira -1872.

Embora não seja difícil perceber o impacto do contingente migratório internacional sobre a população e economia local - que ultrapassou a geração imediata e deu ao município de Rio Claro um perfil com acentuada característica estrangeira - não é possível contar com precisão os estrangeiros que chegaram e se fixaram no município, assim como conhecer o volume de seus descendentes. O levantamento da Comissão Central de Estatística para a província de São Paulo de 1886, não informa os estrangeiros em Rio Claro, embora o faça para outros municípios. Os dados dos Censos de 1890 e 1900 não são confiáveis. As fontes da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, de modo especial a coleção de **Livros de Matrícula de Imigrantes**, registram os imigrantes que saíram diretamente da Hospedaria em direção ao município. Mas, nem sempre o destino dos mesmos está declarado. Por outro lado, nem todos os imigrantes passaram pela Hospedaria e Rio Claro, também, atraiu muitos estrangeiros encaminhados, primeiramente, para outros locais. Finalmente, as saídas do município não estão contabilizadas.

Em que se pese isto tudo, as informações existentes permitem, a grosso modo, dar uma ideia do volume, assim como caracterizar a população imigrante em Rio Claro, no período estudado.

O levantamento, nos referidos **Livros de Matrícula de Imigrantes**, mostrou que entre 1882 e 1885 foram encaminhados a Rio Claro 773 imigrantes, dos quais 2/3 eram homens e a maioria tinha idades entre 20 e 35 anos. Pouco mais da metade era de italianos (52,8%); portugueses e espanhóis perfaziam respectivamente 22,1% e 17,7%. Alemães e austríacos juntos chegavam a 8% do total (Tabela 3). Predominou, portanto, uma imigração de caráter individual e masculina. A maioria se empregou nas fazendas, mas uma parcela razoável foi, provavelmente, para os trabalhos da ferrovia.

A partir de 1886, quando se consolidaram a imigração subvencionada e o regime de

trabalho na cafeicultura conhecido como **colonato**[6], o volume da corrente imigratória aumentou muito e o incentivo à imigração em unidades familiares trouxe alterações evidentes na estrutura dessa população também por sexo e idade[7].

De um modo geral, resguardadas as proporções, o movimento migratório em direção a Rio Claro acompanhou o do Estado de São Paulo como um todo. Portanto, o maior contingente de imigrantes chegado a Rio Claro, então, era composto por italianos. O de portugueses e o de espanhóis eram bem menores em volume, ocupando respectivamente o segundo e terceiro lugar, vindo em seguida o de alemães e austríacos. Finalmente, podiam ainda se encontrar no município, europeus do Leste (russos, poloneses, lituanos, letões, checoslováquios, iugoslavos e húngaros), alguns sírios-libaneses e um ou outro procedente de outras nações. No século XX também japoneses.

TABELA 3 – Imigrantes saídos da hospedaria dos imigrantes de São Paulo com destino a Rio Claro, por nacionalidade e sexo - 1882 - 1885

NACIONALIDADE	HOMEM	MULHER	TOTAL
Italiana	320	88	408
Portuguesa	155	16	171
Espanhola	85	52	137
Alemã	22	7	29
Austríaca	23	5	28
TOTAL	**605**	**168**	**773**

Fonte: Hospedaria dos Imigrantes - Livros de Matrícula de Imigrantes 1882-1885.

Entre 1886-1900 saíram da Hospedaria com destino a Rio Claro mais de 11536 estrangeiros (faltam dados para 1893-94). Destes, cerca de seis centenas imigraram desacompanhados, enquanto os demais faziam parte das 2387 unidades familiares arroladas então (Tabela 4). No decorrer desses anos, aumentou substantivamente a proporção de italianos em relação aos demais grupos (80,7%) e o estímulo à imigração familiar elevou o volume de mulheres na população estrangeira (44,4%) e fez crescer o número de crianças e jovens.

[6] Sobre **colonato** ver Bassanezi (1973; 1986); Dean (1977); Martins (1979); Holloway (1984); Sallum (1982); Stolcke (1986) e outros.

[7] Entre 1885 e 1930, mais de 3,8 milhões de imigrantes estrangeiros chegaram ao país, dos quais aproximadamente 60% dirigiram-se ao Estado de S.Paulo. O volume máximo ocorreu nas duas últimas décadas do século XIX. A partir de 1902, iniciou-se uma queda regular até os anos que antecederam à Primeira Guerra Mundial. Nos anos do conflito, diminuiu o número de entradas que voltou a crescer até 1929, sem, contudo, alcançar os níveis do final do século XIX. O ano de 1930 marcou o início das restrições governamentais ao movimento migratório internacional (LEVY, 1974, p. 83). Os italianos predominaram com vantagem, seguidos pelos portugueses e espanhóis. Estas 3 correntes responderam juntas por 3/4 dos imigrantes entrados no Estado no período.

TABELA 4 – Imigrantes Saídos da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo com destino a Rio Claro, por Nacionalidade e Sexo - 1886 - 1900

NACIONALIDADE	HOMEM	MULHER	TOTAL
Italiana	5138	4176	9314
Portuguesa	391	218	609
Espanhola	391	324	715
Alemã	103	53	156
Austríaca	348	302	650
Outras	47	45	92
TOTAL	**6418**	**5118**	**11536**

Fonte: Hospedaria dos Imigrantes - Livros de Matrícula de Imigrantes 1886-1900.
Nota: Não foram computados dados para os anos de 1893 e 1894.

Infelizmente, o Censo de 1890 não traz informações corretas para Rio Claro. Contudo, analisando os dados existentes nesse levantamento para os municípios vizinhos (Limeira, Piracicaba, São Carlos e Pirassununga), a grosso modo, pode-se supor que na população de Rio Claro, haveria cerca de 4000 estrangeiros dos quais aproximadamente 56% eram homens. Este volume deve ter sido bem maior em 1900, uma vez que no período compreendido entre 1886 e 1900, a população total obtivera um incremento da ordem de 90,9% (no Estado de São Paulo foi de 86,6%), ou seja, crescera a uma taxa geométrica anual de 4,7[8].

No início do século XX o fluxo de imigrantes em direção ao Brasil começou a declinar, quando Rio Claro já não se encontrava mais entre os grandes centros cafeeiros paulistas e, portanto, enfrentava também a concorrência das áreas novas, que devido à sua maior produtividade canalizavam os imigrantes que ainda chegavam.

Entre 1901 e 1920 saíram da Hospedaria para Rio Claro 8088 estrangeiros (Tabela 5) e de 1921 a 1930, apenas um mil deles.

[8] Em 1886, 1890 e 1900 a população de Rio Claro (incluindo a de Analândia) foi respectivamente, de 20.133, 24.584 e 38.426 habitantes. Dean (1977) calcula que o volume de entrada de estrangeiros no município nas duas últimas décadas do século XIX foi da ordem de 20.000 pessoas. Segundo os Relatórios da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Commércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, entre 1893 e 1900 (faltam dados para 1896), deixaram a Hospedaria com destino a Rio Claro 9.013 imigrantes.

TABELA 5 – Imigrantes saídos da hospedaria dos imigrantes em São Paulo com destino a Rio Claro - 1901 - 1920

NACIONALIDADE	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Italiana	3.117	38,54
Portuguesa	1.166	14,42
Espanhola	1.753	21,67
Alemã	348	4,30
Austríaca	286	3,54
Russa	752	9,30
Outras	666	8,23
TOTAL	**8.088**	**100,00**

Fonte: Annuário Estatístico do Estado de São Paulo: 1901-1920.

Consequentemente, o censo de 1920 revela uma população estrangeira envelhecida (85,8% dos estrangeiros tinham 25 anos ou mais), a qual, no conjunto da população do município, totalizava 16,6%. Os italianos continuavam predominando (58,8%), enquanto portugueses e espanhóis juntos não alcançavam 30% do total de imigrantes e os alemães mais austríacos apenas 8% (Tabela 6). Os homens continuavam sendo maioria entre os estrangeiros (55,8%), contudo, a razão de sexo apresentava variações segundo a origem dos imigrantes. Por exemplo, entre os italianos, em 1920, aquela era de 117,4 e para os espanhóis e portugueses chegava a 129,6 e 161,2 respectivamente.

TABELA 6 – População estrangeira do município de Rio Claro segundo a nacionalidade e o sexo 1920

PAÍSES	HOMEM	MULHER	TOTAL
	EUROPA OCIDENTAL		
Itália	2615	2228	4843
Portugal	770	478	1248
Espanha	630	486	1116
Alemanha	157	139	296
Áustria	218	141	359
Suíça	14	31	45
Outros	30	26	56
	EUROPA ORIENTAL		
Rússia	46	40	86
Polônia	43	32	75
Hung/Tchesc/Iugus	3	2	5
Outros	28	24	52
	AMÉRICA		
Argentina	37	40	77
Outros Da Am. Lat	0	2	2
Estados Unidos	3	2	5
Canadá/Outros	1	-	1
	ÁSIA		
Japão/Turquia Asiática	72	26	98
Países Diversos ou Indeterminados	6	8	14
TOTAL	**4673**	**3705**	**8378**

Fonte: Recenseamento de 1920.

Aliás, o desequilíbrio entre os sexos foi um traço marcante no fluxo imigratório do período. Entre os italianos, a imigração em unidades familiares em direção à cafeicultura foi muito importante e contribuiu para diminuir a diferença entre o volume de homens e mulheres, enquanto, para os portugueses o padrão foi outro: a imigração masculina e individual foi mais intensa que a feminina e familiar destinando-se preferencialmente para as áreas urbanas (KLEIN, 1989). Os espanhóis que também tiveram uma imigração familiar importante para o Estado de São Paulo (no conjunto do estado apresentava uma razão de sexo (120,8) bem próxima a dos italianos (118,6)), em Rio Claro revelava uma proporção maior de homens em 1920, provavelmente em virtude do momento analisado, quando outras áreas cafeicultoras mais importantes canalizavam com maior intensidade as unidades familiares recém-chegadas.

Concluindo, é preciso lembrar que apesar da intensa mobilidade espacial que caracterizou todo o período cafeeiro em São Paulo e independente do destino original dos imigrantes, não restam dúvidas de que o município de Rio Claro atraiu e fixou uma quantidade razoável dos mesmos e de seus descendentes em função da cafeicultura propriamente dita e de seus desdobramentos no local, como se verá a seguir.

As duas últimas décadas do século XIX foram para Rio Claro igualmente uma época de grande crescimento e transformações, que se iniciaram com a penetração do café (em meados do século XIX) e a chegada dos trilhos da ferrovia (1876).

Em 1886, Rio Claro foi o quarto município de maior produção cafeeira da Província de São Paulo. Em 1901, o café alcançou o máximo de sua produção no local, o replantio continuou até 1929 e, ainda em 1940, havia cafeeiros produzindo (DEAN, 1977).

Integrado à malha ferroviária em 1876, permaneceu como ponta de trilho até 1884, o que permitiu um maior desenvolvimento do município. A ampliação do comércio de outros bens e a concentração da produção das outras regiões do interior geraram um maior número de empregos. Mas, o grande impulso veio justamente quando Rio Claro ficou na condição de estação intermediária. Ponto final dos trilhos de bitola larga passou a concentrar todo o movimento de um local de baldeação (HOGAN et al., 1986; OLIVEIRA,1989).

A ferrovia, não só proporcionou maior contato entre a capital e o interior, a modernização do consumo, serviços e empregos, como também, através de uma série de estações instaladas no território do município, que se somou aos caminhos pré-existentes, intensificou os contatos intra-município (rural-rural e rural-urbano).

Em função dessas estações, começaram a se instalar o pessoal da manutenção e administração das mesmas, além de um pequeno comércio, o que deu origem a uma série de vilas ou bairros rurais e abriu novos espaços para as atividades não agrícolas.

Além disso, a ferrovia trouxe para Rio Claro a instalação das Oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, especializadas na produção de vagões (1892), que geraram cerca de 2000 novos empregos expandindo o mercado de trabalho e, juntamente com outras indústrias de menor porte, criando uma demanda por bens e serviços diversificados que impulsionaram sobretudo a vida urbana.

Essas décadas finais do século passado e o início do século XX, como mostrou Oliveira (1989), foram promissoras ao desenvolvimento e ampliação da cidade que recebeu uma série de novos benefícios: hospitais, instalação de luz elétrica, rede telefônica, melhorias no atendimento de água à população, escolas, associações, jornais etc. O centro de Rio Claro industrializou-se: além das Oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, instalaram-se oficinas de carruagens, serrarias, olarias, fábricas de sapatos, fornos de fundição, fábricas de produtos alimentícios etc.

O comércio, igualmente, apresentou uma grande expansão, com casas de importação, armazéns de secos e molhados, casas de ferragens, explosivos, louças e miudezas. Finalmente,

na virada do século, iniciaram-se as obras de saneamento da cidade: abastecimento de água e posteriormente rede de esgoto (OLIVEIRA, 1989).

A expansão da lavoura cafeeira mais para o Oeste e as sucessivas crises do café do final do século passado e início deste geraram a fragmentação de várias propriedades, que somada à existência de espaços não favoráveis à cultura cafeeira, colocaram áreas rurais à disposição de compradores com poder aquisitivo limitado. Em 1905, a criação do Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá, nas terras da Fazenda São José do Corumbataí e, posteriormente, a ampliação de sua área (1919), aumentaram as chances de mais pessoas tornarem-se pequenos proprietários, produtores de batata, arroz, milho, feijão, etc[9].

Este perfil de Rio Claro torna evidente que várias alternativas de vida e trabalho existiam no município no período enfocado. Resta saber qual o espaço que o imigrante ocupou na estrutura das ocupações e na estrutura da posse da terra nesse local.

IMIGRANTES E AS OCUPAÇÕES

Além da participação estrangeira na cafeicultura sob a parceria e/ou locação de serviço, que vigorou nas primeiras décadas da expansão cafeeira, pequenas notícias pinçadas aqui e acolá dão conta, como já foi visto, da presença estrangeira em atividades artesanais e comerciais no município de Rio Claro, já em meados do século XIX. Contudo, é o Censo de 1872 que traz informações mais consistentes sobre as atividades exercidas pelo imigrante no local. Esse Censo, quando classifica os estrangeiros por profissão, não os separa por nacionalidade, tratando-os apenas no seu conjunto. Sabe-se, no entanto, que cerca de 60% eram alemães e suíços e 30% portugueses.

O que chama a atenção, neste levantamento, é que apesar da maioria dos imigrantes ser constituída de lavradores (47%) e uma quantia razoável ser classificada como "criados e jardineiros" (14,8%), uma parcela muito significativa dessas pessoas ocupava-se de atividades manufatureiras/artesanais (20%) e comerciais (13%); 5 estrangeiros encontravam-se entre os chamados, pelo Censo, de "proprietários e capitalistas" e 12 deles estavam alocados entre os profissionais liberais (Tabela 7).

Lamentavelmente, na categoria **lavrador** o Censo não separa os proprietários de terra dos não proprietários e os donos das casas comerciais, dos guarda-livros e caixeiros. Por outro lado, no que diz respeito às atividades manufatureiras, revela que 22 estrangeiros eram

[9] Sobre a vinculação do desenvolvimento do complexo cafeeiro e o processo de urbanização e expansão da agricultura independente da propriedade cafeeira, ver Cano (1977).

fabricantes ou manufatureiros. Os chamados "operários" abrangiam 8 diferentes categorias; a maioria, no entanto, estava concentrada em três dessas categorias: operários em madeira (27), em edificações (23) e em tecidos (15) (Tabela 7). No ramo das edificações, esses estrangeiros chegavam a representar 60,5% da população livre nele empregada.

TABELA 7 – População considerada em relação às profissões Rio Claro 1872

OCUPAÇÃO	N. DE HOMENS LIVRES ESTRANGEIROS	NACIONAIS
PROFISSÕES LIBERAIS		
Padre	3	-
Médico	3	6
Cirurgião	1	1
Farmacêutico	2	4
Prof. de Letras	3	18
Artista	10	79
Capit. e Proprietário	5	22
PROFISSÕES INDUSTRIAIS E COMERCIAIS		
Manufatura/Fábrica	22	31
Comércio/Guarda Livros/Correio	68	138
PROFISSÕES MANUAIS OU MECÂNICAS		
Op. Metais	6	23
Madeira	27	124
Tecidos	15	-
Edificações	23	15
Couro e Peles	2	7
Vestuário	6	24
Chapéus	1	3
Calçados	2	16
PROFISSÕES AGRÍCOLAS		
Lavrador	245	1746
PESSOAL ASSALARIADO		
Criados e Jardineiros	77	156
SEM PROFISSÃO	10	2768
TOTAL	**531**	**5173**

Fonte: Recenseamento Geral de 1872.
Nota: Nesta tabela aparecem tão somente as ocupações onde havia estrangeiros. Os números relativos aos nacionais aparecem na tabela a fim de proporcionar uma perspectiva comparativa.

No que concerne às mulheres estrangeiras, aproximadamente 3/4 das mesmas foram classificadas, naquele levantamento, como de "serviços domésticos". Das 77 restantes, 6 eram costureiras, 10 dedicavam-se ao comércio e apenas 6 foram colocadas na categoria lavrador. Comparando com as mulheres nacionais livres, as estrangeiras representavam 32,3% das mulheres que se dedicavam às atividades comerciais e 11,3% das costureiras livres (Tabela 8).

TABELA 8 – População considerada em relação às profissões Rio Claro – 1872

OCUPAÇÃO	N. DE MULHERES ESTRANGEIRAS	N. DE MULHERES NACIONAIS
Comerc/Guarda Livros/Caxeira	10	21
Costureira	59	464
Lavradora	6	598
Serv. Domésticos	203	1073
Professora	1	6
Tinturaria	1	
TOTAL	**280**	**2162**

Fonte: Recenseamento Geral de 1872.
Nota: Nesta tabela aparecem tão somente as ocupações onde havia estrangeiros. Os números relativos às nacionais aparecem com o objetivo de proporcionar uma perspectiva comparativa.

Uma outra fonte que fornece algumas pistas sobre a população de origem estrangeira na estrutura de ocupação e de posse da terra do município, antes do período de imigração de massa, é o **Almanak de São João do Rio Claro para 1873**, que lista os moradores do município segundo suas atividades. Esta fonte, porém, tem algumas limitações: primeiro, não cobre a totalidade da população ativa; segundo, não arrola as pessoas por nacionalidade, mas permite localizar as de origem estrangeira através dos sobrenomes e, neste caso, surgem novas dificuldades: impossibilidade de separar portugueses e nacionais que possuem sobrenomes idênticos e de se saber se a pessoa listada era realmente estrangeira nata ou descendente de primeira geração. Para alguns casos, foi possível a identificação através de outras fontes.

Embora não reproduza um quadro fiel da população ativa, aquela é uma fonte que, para os propósitos deste trabalho, deve ser utilizada com cautela, mas não deve ser descartada, pois permite verificar, pelo menos, onde se alocavam as pessoas de origem estrangeira e possibilita comparações futuras.

A tabela 9, por si só, é bastante elucidativa no que diz respeito à presença de pessoas de origem germânica nos diferentes setores da vida econômica do município. Estas estavam presentes em atividades bastante diversificadas; tinham uma participação importante primeiro no setor de artesanato e manufatura (destacaram-se no ramo de transformação de ferro e outros metais, como marceneiros e empalhadores), depois no comércio e nos serviços de transporte com carroças e "trolys" [sic]. Em 1873 três alemães natos foram classificados entre os principais fazendeiros de café do município e outros dois encontravam-se entre os sete chamados "capitalistas". Os portugueses, por sua vez destacaram-se, principalmente, no comércio, enquanto outras nacionalidades eram pouco representativas no município.

Obviamente, tanto alemães como portugueses estavam presentes no setor agrícola, mas, dado o critério utilizado pelo organizador do Almanaque, eles escaparam à sua listagem,

o que prejudica a presente análise.

TABELA 9 – Relação de atividade/ocupações - 1873

ATIVIDADES/ OCUPAÇÃO	ORIGEM GERMÂNICA	ORIGEM PORTUGUESA	ORIGEM ITALIANA	OUTRA ORIGEM	BRAS E/OU PORTUGUESA
Abridor	1	-	-	-	-
Afinador de Piano	1	-	-	-	-
Alfaiate	4	-	-	-	10
Aluga Carros	6	1	-	-	1
Armazém	14	10	-	-	39
Bilhar	-	1	-	-	-
Caldeireiro	1	-	-	-	1
Capitalista	2	-	-	-	5
Carpinteiro	-	-	-	-	33
Carroceiro	3	1	-	-	8
Casa de Saúde	1	-	-	-	2
Cocheira	3	1	-	-	3
Confeitaria	1	1	-	-	2
Distribuidor	1	-	-	-	-
Costureira/ Modista	-	-	-	1-	9
Dentista	-	-	1	-	-
Dep. de Cal	2	1	-	-	1
Dep. de Chapéu	1	2	-	-	3
Dep. de Madeira	1	-	-	-	1
Dep. de Sal	2	2			5
Dep. de Ferro E Outros Metais	2	-	-	-	-
Máq. Costura/Gêneros Americ	1				3
Empalhador	5	-	-	-	1
Fábr.de Cerveja	1	-	-	-	1
Fábr.de Máquinas	3	-	-	-	1
Fábr.de "Trolys"	2	-	-	-	2
Farmácia	1	-	-	-	2
Fazendeiros	3	1	-	-	73
Ferrador	1	1	-	-	3
Ferraria	4	-	-	-	3
Fundição	3	-	-	-	1
Funileiro	1	-	2	-	2
Hotel	2	1	-	-	1
Import./Export.	1	3	-	-	4
Jogos da Bola	2	-	-	-	1
Lav. de Algodão	3	-	-	-	27
Loja de Fazendas	1	3	1	-	13
Loja de Ferragem	1	2	-	-	5
Maquinista	3	-	-	-	2
Marceneiro	6	-	-	-	5
Médico	1	-	-	-	3
Olaria	2	1	-	-	8
Ourives	1	-	-	-	1

Padaria	1	2	-	-	1
Pedreiro	5	2	1	-	6
Pintor	1	-	-	-	6
Prof. Música/ Orquestra	4	-	-	-	21
Prof. Instr. Part	2	-	-	-	6
Próprios/Camaradas	5	-	-	1	-
Sapateiro	2	-	-	-	6
Tanoeiro	1	-	-	-	1
Viação-"Trolys"	5	-	-	-	1
Vidraceiro	1	-	-	-	4

Fonte: Almanak de S. João do Rio Claro para 1873 - Edição fac similar. São Paulo. IMESP/DAESP, 1987.
Notas: Nesta tabela estão incluídas apenas as atividades onde foram detectados estrangeiros. Na última coluna, provavelmente estão alguns portugueses.
*Pessoas com mais de uma atividade foram contabilizadas mais de uma vez nesta tabela.
*Por último, é preciso destacar que os trabalhadores da agricultura, pequenos proprietários e pessoas assalariadas não constam da relação do Almanaque.

Para o último quartel do século XIX e primeiras décadas do século XX, existe muito pouca informação de caráter quantitativo sobre as atividades exercidas pelos imigrantes no Brasil. Os recenseamentos de 1890 e 1900 nada revelam e o de 1920 traz os estrangeiros classificados por profissão para a capital e para o Estado como um todo.

O que se sabe com certeza é que a grande maioria dos imigrantes foi alocada nas fazendas cafeeiras sob o regime de colonato. No entanto, muitos deles não vivenciavam esse regime e como assalariados executavam tarefas diversas no interior das propriedades rurais. Um número razoável dos mesmos imigrou diretamente para as cidades enquanto outros imigrantes viveram trajetórias que passaram pela grande fazenda, depois pela cidade e/ou pela pequena propriedade (as combinações foram diversificadas no tempo, no espaço e nas atividades de trabalho).

Faltam, contudo, bases empíricas que permitam um melhor delineamento da situação dos diferentes grupos de imigrantes face às atividades ou ocupações que passaram a executar na nova terra de adoção.

Neste contexto, assumem importância os **Almanak do Rio Claro** de 1895 e de 1906 e os **Assentos de Casamento do Registro Civil**, fontes que, em que se pesem seus vieses, trazem informações que permitem alocar uma boa parte dos imigrantes na estrutura das ocupações e com isso dar um passo à frente.

Os Almanaques de 1895 e 1906, que listam os principais contribuintes do município, atestam os reflexos das transformações que vinham ocorrendo no movimento migratório e na economia local: uma marcante e progressiva presença italiana - em atividades não agrícolas e urbanas, bem diversificadas ao lado dos alemães e portugueses - e o aparecimento de um

novo elemento nas atividades e população local: o árabe. De outro lado, esta documentação revela a localização destes imigrantes não só na cidade de Rio Claro, mas em diferentes pontos do município, ao redor das estações e/ou distritos, que se ampliaram com o decorrer do tempo (Tabelas 10 e 11).

Os italianos, em maior volume no conjunto dos estrangeiros no local, eram igualmente maioria em muitos setores e monopolizavam outros. Destacavam-se no comércio de secos, molhados, explosivos e ferragens; eram donos da grande maioria dos açougues e restaurantes; dominavam o fabrico de massas alimentícias e aguardente além dos ramos da sapataria, alfaiataria e relojoaria. Em menor escala, executavam tarefas onde os estrangeiros de outras nacionalidades estavam ausentes: câmbio, funilaria, barbearia etc.

Havia, contudo, uma série de outras atividades que não foram de domínio absoluto dos italianos. No setor da ferraria, fundição, fabricação de máquinas, carros, carroças e "trolys" continuavam predominando os de origem germânica; no comércio de armarinhos e fazendas eram os de origem árabe que detinham uma maior participação, apesar de seu pequeno número. Também, não eram maioria entre os proprietários de lavoura de café (os únicos elementos ligados ao setor agrícola arrolados nos Almanaques) (Tabelas 10 e 11).

Quanto aos portugueses, os números apresentados encontram-se subestimados. Com auxílio de outra documentação foi possível recuperar a nacionalidade portuguesa de vários nomes listados nos Almanaques, mas não da totalidade. Muitos dos nomes que se supõe serem de portugueses não foram localizados em outros documentos; por isso, encontram-se contabilizados na coluna "brasileiro e/ou português" das tabelas 9, 10 e 11.

No que diz respeito às mulheres de origem estrangeira, os Almanaques listam pouquíssimos nomes (11 em 1895 e 20 em 1906). Destas, a maioria era herdeira de lavouras de café ou de armazéns de secos, molhados e explosivos; as restantes estavam alocadas em ocupações tidas como tipicamente femininas: costureiras, parteiras e professoras de instrução feminina.

TABELA 10 – Relação atividade/ocupações – 1895

ATIVIDADES/ OCUPAÇÃO	ORIGEM GERM.	ORIGEM PORT.	ORIGEM ITALIA.	ORIGEM ÁRABE	OUTRA ORIGEM	BRASE/ OU PORT.
Agric. de Café	18	12	1	-	2	113
Estação	5	11	13	-	-	46
Comércio - Indus - Trias e Profissões						
Est. S. Gertrudes						
Marceneiro	1					
Sapateiro			3			
Neg. de Estrada		2	1			
Padaria			1			
Est. Morro Grande						
Botequim			1			
Neg. de Estrada		1				1
Est. Corumbataí						
Olaria		1				
Botequim		1				
Neg. de Estrada		1				
Est. Oliveiras						
Neg. de Estrada		1				
Est. Morro Pelado						
Secos/Molhados	1	1	4			11
Ferreiro	1					
Açougue						1
Fazendas, Armarinhos, secos e molhados			1			3
Fábrica Cerveja			1			
Padaria						1
Sapataria			1			
Funilaria			1			
Fumo			1			
Açougue		1				
Itaquery de Cima						
Secos/Molhados						2
Neg. de Estrada	1	1	1			5
Bairro Samambaia						
Fogueteiro			2			
Secos/Molhados	1					
Cidade						
Lojas Fazendas Ferrag./Louças	3	4	7	1		8
Armaz. Secos/Molh. e explosivos	11	25	52			51
Médicos					1	4
Cidade						
Farmácia	1		1			3
Parteira	1					
Ourives e Relojoeiro		1	3	1		
Modista			2			3

Typographos	1	1	1			7
Câmbio			1			
Marmorista			1			
Mascates			3	6		1
Alfaiatarias	2		10			1
Emp. Funerária	1					2
Selleiros	2					1
Máq. Moer Sal e Café		1				1
Quitandeiros	1	2	1			13
Torneiro	1					
Caieira			1			1
Sapateiros	5	3	12			1
Compr. de Café		1	1			2
Pintores e Vidraceiros	1	1	2			2
Concertador [Sic] Guarda-Chuva			1			2
Consertador De Sanfona			1			
Barbeiros			3			3
Dentista	1					
Máq. Ben. Café	1					2
Amollador			1			
Fábrica redes e tecidos à mão			1			
Ref. Assucar e café em pó			2			
Hotéis	1	1	1			1
Botequim	1		3			1
Restaurante	4		2			6
Padarias	2	2	4			
Charutaria			1			
Fáb. Cerveja	2	1	6			1
Ferreiros	11		1			1
Marceneiro	3	1	3			2
Olaria	1		2			1
Empreiteiro			1			2
Funileiros			3			3
Fábrica de Carroças	4					
Mat. Constr.			1			
Serraria/Carpintaria		1	1			
Colchoaria			1			
Fáb. Macarrão			2			
Carros Praça	4	2	1		1	4
Açougue	1	1	7			22
Cocheiras	3	1				4
Carroças	10	8	15		1	39
Instr.Públ.	2	1				4
Prof.Música		1				4

Fonte: Almanak do Rio Claro/1895 - Rio Claro. Officina Typographica da GAZETA, 1895.

TABELA 11 – Relação de atividades/ocupações-1906

ATIVIDADES/ OCUPAÇÃO	ORIGEM GERM.	ORIGEM PORT.	ORIGEM ITALIA.	ORIGEM ÁRABE	OUTRA ORIGEM	BRAS E/ OU PORT.
RIO CLARO						
Lavradores	26	17	22		1	37
Açougue	3	2	13			19
Armarinho			1	1		1
Alfaiate		1	8	1		2
Amolador			3			
Arroz (Máq.Ben.)		1	1			
Barbearia			5			10
Botequim			6	1		9
Bilhar				1		2
Carro Praça	3	1	4			1
Carroças (Prop. de)	17	13	29			44
Caldeireiro e Latoeiro			7		1	1
Couro (Dep. de)			2			
Charutaria		2	2			1
Câmbio			3			
Carpintaria e Marcenaria	2	1	3			2
Colchoaria	1	1				
Chapeos de Sol (Oficinas)						2
Cocheiras	1	1	1			
Cortume						
Cerveja (Fáb.)	3		3		1	
Cerveja (Dep.)		1				
Charutos (Fáb)			1			1
Café (Máq. Ben.)		1				
Dentista	1					4
Engraxate			1			1
Explosivos	9	7	44	2		19
Fogueteiro			1			1
Ferragens	1	2	8			3
Fáb. de Máq.	2					
Ferraria	1		1			
Fundição	1					

Fáb. "Trolys "	2					
Fáb. Carros	4					
Fazendas e Armarinhos	2	2	6	10		4
Guarda-Livros		1	1			8
Hotéis		1	4			1
Jelo [Sic] Fáb.	1					
Jelo [Sic] Dep.		1				
Lavoura (Instr. de)			1			
Louças (Fáb.)		1	1			
Louças/Cristais	2	3	7			5
Loteria						2
Massas Aliment. (Fáb. de)			1			
Modista	2					2
Marmoraria			2			
Olaria		1	1			1
Pharmácia	1	1	1			3
Photografias	3					
Pintores		2				1
Parteira	2		1			
Padaria	6	4	4			1
Quitanda	1	2	2			1
Restaurante	2		5			1
Relojoeiros	1		6			
Ref. Assucar			2			
Secos/Molhados	9	8	50		9	22
Sapataria	1		17			2
Sellaria	3	1	2			
Serralheiros			2			
Sanfonas (Fáb.)			1			
Serraria a Vapo		2				
"Trolys" (Prop.)	2	1	3			
Typhographias	1		1			3
Tintureiros			2			
Torneiro	1					
Distr. Itirapina						
Lavradores	11	9	6		5(Esp.)	41
Relojoeiros		1	1			
Sapateiros			3			
Secos/Molhados		2	4	1		3
Sellarias			1			1
Açougues	1		2			1
Pharmácia		1				
Fazendas e Armarinhos			1			2
Máq. Ben. Café	1		2			
Olaria			1			
Fáb. Bebidas			1			
Hotel		1	1			
Ferreiro	1					
Fogueteiro			1			
Ferragens			1			1
Cortume		1				

Explosivos		2	1	1		2
Padarias						3
Caldeireiro			1			
Barbeiros		1	1			
Alfaiataria			1			
Distr. Itaquery da Serra						
Lavradores		8	2		1(Esp.)	12
Ferreiro	1					
Fazendas e Armarinhos		1		1		
Explosivos			1			
Sapateiro			1			
Secos/Molhados		2	1			
Distr. S.C.P.C.(Ipojuca)						
Lavradores	3	7	17	1	2(Esp.)	21
Fogueteiros			1			
Padaria	1					1
Ferragens	1		1			
Explosivo		1	1			
Fazendas e Armarinhos		1	1	1		
Cayeiras						2
Olaria			1			
Louças e Chrystais	1					
Restaurantes	1					
Sapateiro			1			
Secos/Molhados	1	2	1	1		1
Fabricantes de Aguardente (Município)	1	4	18			2

Fonte: Almanak do Rio Claro/1906 - Rio Claro, typ. Conrado, 1906.

Portanto, como é possível observar, as informações contidas nos Almanaques - baseadas na relação dos contribuintes de impostos municipais - são importantes, mas não cobrem a totalidade da população ativa; não arrolam um conjunto muito maior de trabalhadores e trabalhadoras estrangeiros presentes e atuantes no mercado de trabalho local no período.

Na tentativa, pois, de abarcar igualmente esta outra parcela da população de origem estrangeira e fornece novos elementos ao estudo, uma outra fonte alternativa foi pesquisada: são os assentos de casamento do Registro Civil. Estes informam o local de nascimento e de residência e a ocupação exercida pelos cônjuges no momento da união. Permitem análise em um período de tempo prolongado e com maior riqueza de detalhes. Trazem, inclusive, a possibilidade de trabalhar os dados também para os brasileiros filhos de estrangeiros, ampliando o leque de estudos.

Apesar de os registros informarem apenas sobre uma parcela pequena da população, esta não deixa de ser representativa no conjunto da população ativa. Em resumo, ela diz respeito ao conjunto de imigrantes que se casou no civil no município de Rio Claro entre 1890 a 1930. Subpopulação composta de 5916 pessoas (3441 homens e 2475 mulheres), das quais os italianos eram 63,7%, os portugueses 13,8% e os espanhóis 11,8% (Tabela 12). Os brasileiros filhos de estrangeiros, identificados nos registros, somavam um total de 4148 (1901 homens e 2247 mulheres); eram pessoas com ambos os pais ou um deles estrangeiro. É provável que este total esteja subestimado, uma vez que antes do **Código Civil de 1916**, nos assentos de casamento, não era obrigatória a declaração de nacionalidade dos pais.

TABELA 12 – Estrangeiros que se casaram em Rio Claro por nacionalidade 1890-1930

NACIONALIDADE	HOMEM	MULHER	TOTAL
Italianos	2.102	1.669	3.771
Portugueses	552	266	818
Espanhóis	403	296	699
Alemães	131	79	210
Austríacos	104	68	172
Outros	149	97	246
TOTAL	**3.441**	**2.475**	**5.916**

Fonte: Registro Civil - Casamentos/1890-1930.

Isto posto, passando para a análise das ocupações desses homens e dessas mulheres, o que primeiro chama a atenção, novamente, é a pequena proporção de mulheres em atividades produtivas; menos de um quarto declarou ter uma ocupação ao casar, e dessas, a maioria absoluta trabalhava no setor agrícola e apenas 1,5% executavam atividades fora deste setor. Dadas, porém, às condições de vida e trabalho, à facilidade da mulher em se deslocar entre a "casa" e a "roça", tanto nas grandes fazendas como nas pequenas propriedades rurais, a proporção de mulheres que labutava na agricultura era bem maior e provavelmente seguia de perto a de homens. Levando em conta esta observação, o volume de cônjuges empregados no setor agrícola era então bem maior do que as informações estão a indicar (Tabela 13).

TABELA 13 – Ocupação das mulheres em Rio Claro, por nacionalidade 1890-1930

SETOR	ITAL.	PORTUG.	ESPAN.	ALEMÃ	AUSTRÍACA	OUTRA	FILHO ITAL.	FILHO ESTRANG NÃO ITAL	TOTAL
Agricultura	741	37	78	21	22	13	133	32	1.077
Artesanato e Manufatura	183	3	3	-	-	1	6	1	32
Comércio	9	2	1	1	1	1	-	-	15
Serviços	1	-	-	-	-	1	8	4	14
Atividades não Classificadas	579	159	173	35	34	71	1.485	540	3.076
Sem Informação	321	65	41	22	11	10	21	17	508
TOTAL	**1.669**	**266**	**296**	**79**	**68**	**97**	**1.653**	**594**	**4.722**

Fonte: Registro Civil, 1890-1930.

Nos demais setores de atividades, o número de mulheres era inexpressivo ou inexistente. Muito poucas disseram ser artesã (6), operária (15), costureira (2) ou comerciante (15). Contudo, evidências colhidas aqui e ali, dão a perceber que muitas mulheres qualificadas como de "prendas domésticas", participavam do mercado informal de trabalho como costureiras, bordadeiras, lavadeiras, cozinheiras ou tinham participação ativa nos negócios ou ofícios dos maridos.

Desagregando essas mulheres que declararam ocupação, por nacionalidade, mais de 95% das italianas, espanholas, alemãs e austríacas declararam-se colonas ou lavradoras, enquanto, as mulheres portuguesas, apresentavam uma proporção um pouco menor (88,1%).

Por sua vez, as mulheres brasileiras filhas de estrangeiros que habitavam as áreas rurais não tinham o hábito de se declarar colona ou lavradora. A imensa maioria (90,1%) se dizia de "prendas domésticas". Nessa geração, no entanto, o domínio da língua dava a elas uma nova oportunidade no mercado de trabalho feminino da época: ser professora. Poucas, no entanto, conseguiam isto.

Quanto às ocupações masculinas, a maior parte dos homens imigrantes, que se casaram no período, trabalhava no setor agrícola (61,8%). Eram lavradores, colonos e jornaleiros (trabalho por jornada, diarista) (Tabela 14). É preciso notar que na documentação a palavra **lavrador** era empregada de uma forma muito ampla; abrangia do grande ao pequeno proprietário, do colono ao camarada e jornaleiro.

Embora o trabalho da terra absorvesse a maior parte dos imigrantes, havia, como já foi visto, um número razoável daqueles que participavam, no conjunto dos diversos setores, em categorias bem diversificadas. Cerca de um quarto ocupava-se nos setores de manufatura e artesanato e dos transportes; um décimo estava alocado no comércio e serviços (Tabela 14).

Dado o seu grande volume no conjunto da população imigrante, como já foi salientado, os italianos sempre prevaleciam nos diversos setores e ramos de atividades. Perdiam apenas para os portugueses no ramo ferroviário, onde estes representavam mais da metade dos trabalhadores estrangeiros (54,8%).

Observando cada nacionalidade em particular, verifica-se que variava, de uma para outra, a proporção de indivíduos alocados nas diferentes ocupações.

TABELA 14 – Ocupação dos homens em Rio Claro, por nacionalidade 1890-1930

SETOR	ITAL.	PORTUG.	ESPANH	ALEMÃ	AUSTRÍA.	OUTRA	FILHO ITAL.	FILHO ESTRANG. NÃO ITAL	TOTAL
Agricultura	1.488	196	278	69	57	44	875	229	3.236
Artesanato e Manufatura	285	92	62	32	28	33	235	82	849
Comércio	101	59	12	6	2	56	89	45	370
Transportes e Comunicação	77	155	31	8	4	11	139	109	534
Serviços	24	9	5	8	6	1	51	16	120
Atividades não Classificadas	24	22	3	3	1	3	3	5	64
Sem Informação	103	19	12	5	6	1	15	8	169
TOTAL	**2.102**	**552**	**403**	**131**	**104**	**149**	**1.407**	**494**	**5.342**

Fonte: Registro Civil, 1890-1930.

Entre os italianos e espanhóis, cerca de 70% dos homens, em cada um destes grupos, estavam ligados ao setor agrícola, que empregava pouco mais da metade dos alemães e dos austríacos. Os portugueses e os da categoria "outra nacionalidade" eram mais urbanos, isto é, a maior parte deles exercia atividades fora da agricultura, no setor de artesanato e manufatura, de comércio e de transporte.

Embora numericamente os italianos tivessem o maior volume de homens empregados nos setores não agrícolas, no conjunto da população italiana, a proporção destes trabalhadores era menor que nas demais nacionalidades. Aproximadamente dois terços dos portugueses não trabalhavam na terra; destes a maioria trabalhava na ferrovia (28,1%) e depois a sua preferência recaía sobre o setor de artesanato e manufatura e o do comércio (16,7% e 10,7%, respectivamente) (Tabela 14).

Os espanhóis, após a agricultura, davam preferência ao setor de artesanato e manufatura e a ferrovia atraiu também um número razoável deles. Alemães e austríacos eram os que possuíam um maior contingente de sua população empregado no setor de manufatura e artesanato. Quanto à categoria "outra nacionalidade", foi a atividade comercial que canalizou a maior proporção dos imigrantes aí classificados (37,6%), seguindo a agricultura

(29,5%) e o artesanato (22,2%) (Tabela 14).

Os dados reafirmam que a ocupação de comerciante atraiu vários italianos (que dominaram inclusive o "grande comércio" local), os chamados de "outras nacionalidades" e portugueses, mas poucas pessoas de nacionalidade alemã e austríaca. Os ferroviários e operários na sua maioria eram italianos, portugueses e espanhóis.

Industrial ou proprietário de indústria era atividade na qual os italianos tiveram presença muito acentuada, mas a dividiram com portugueses e alemães. Espanhóis, austríacos e "outra nacionalidade" não aparecem nesta classificação.

Confirma-se também que a ocupação "artista" no sentido de artesão qualificado, assim como a de sapateiro, alfaiate e oleiro, era de domínio dos italianos. Estes se destacaram também no ramo da construção civil, que parece não ter atraído portugueses e muito pouco os espanhóis. Ao contrário do que se esperava, os padeiros locais, não eram portugueses, mas italianos e alemães.

Agora, observando o conjunto dos homens que se casaram em Rio Claro no período, os estrangeiros e os seus descendentes de primeira geração dominavam sobre os nacionais na agricultura e em vários outros ramos, como, por exemplo, os de alimentação e bebidas, vestuário e calçados; entre os comerciantes e operários. Constituíam mais da metade entre aqueles empregados nestas atividades ou ocupações. Eram aproximadamente 50% dos artistas e artesãos, dos trabalhadores da construção civil, do ramo dos metais, da madeira, da ferrovia e dos empregados do comércio.

Verificando os dados das atividades ou ocupações masculinas, através do tempo, eles mostram que a agricultura, durante todo o período estudado canalizou sempre a grande maioria dos italianos, mas na década de 20 seu volume diminuiu.

A queda observada no número de estrangeiros nas atividades da agricultura nos anos 20, refletia, sobretudo, o declínio do movimento migratório internacional em direção ao Brasil, mas também era, em parte, resultado de um processo de mudanças que estava ocorrendo no município.

A geada de 1918 causou grandes prejuízos aos cafezais de Rio Claro. Muita gente abandonou as fazendas buscando a sorte em outros locais. É provável que com o final do conflito mundial, vários tenham retornado à terra natal. Outros, atraídos por novos projetos de colonização encaminharam-se mais a Oeste. Muitos mudaram-se para a cidade buscando exercer outras atividades, as mais diversificadas, pois neste período, Rio Claro começava a se caracterizar cada vez mais como um centro de prestação de serviços à região (OLIVEIRA,

1987).

A década de 20, observou a entrada maciça dos brasileiros filhos de estrangeiros no mercado de trabalho local e o setor agrícola empregou o maior número deles. Deste conjunto, os brasileiros filhos de italianos eram três quartos do total e destes a maior parte era constituída por lavradores (60,94%). Quanto aos brasileiros filhos de estrangeiros não italianos, o número de lavradores entre eles era pequeno e trabalhavam em maior proporção na ferrovia e no comércio, o que de certa forma reflete o que já ocorria na geração de seus pais.

Ainda, não se pode esquecer que no interior da grande fazenda, além do trabalho sob o regime de colonato, outras alternativas se abriram aos trabalhadores nacionais e estrangeiros. A complexidade que cercava a cafeicultura exigia um largo emprego, também, de trabalhadores assalariados. Estes não se dedicavam às funções agrícolas propriamente ditas, mas eram canalizados para os serviços complementares: eram os maquinistas, carpinteiros, pedreiros, carroceiros, carreiros e muitos outros, além daqueles encarregados de administrar a propriedade e controlar a mão-de-obra.

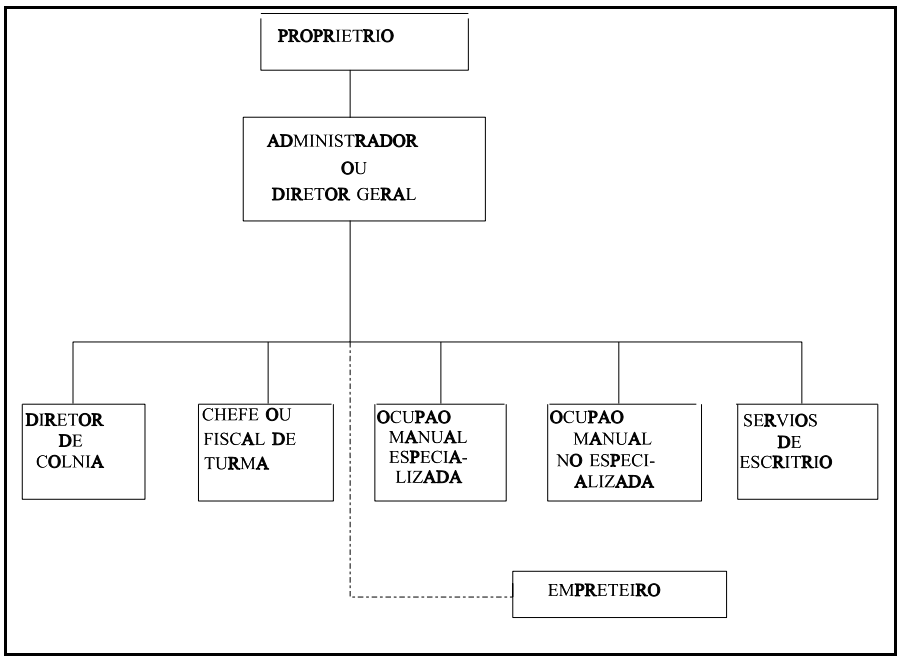
Para exemplificar, na documentação de uma das mais importantes fazendas cafeeiras no município de Rio Claro, a Fazenda de Santa Gertrudes, foi possível arrolar mais de meia centena de ocupações assalariadas, agrupadas no Organograma 1.

Através das tabelas 15 e 16 é possível visualizar a participação estrangeira nas atividades e ocupações da Fazenda de Santa Gertrudes. Os dados confirmam a forte presença de estrangeiros e seus descendentes nos trabalhos dessa propriedade[10].

Os italianos contribuíam com mais da metade da mão-de-obra. Cerca de 64,4% dos colonos e 54,2% dos camaradas eram italianos. Muitos destes dedicaram-se também às outras atividades agrupadas em ocupações manuais especializados, mas poucos chegaram a exercer funções de supervisão de trabalho, administração ou prestaram serviços como empreiteiro. Estas últimas, no entanto, eram áreas onde nacionais e/ou portugueses sobressaíam-se com evidência. Quanto aos espanhóis, que se alocavam na sua maioria como colonos e depois como camaradas, encontravam-se também em proporção razoável nas chamadas ocupações manuais não especializados. As demais nacionalidades foram pouco representativas, no local, dispensando comentários a respeito.

[10] Nestas tabelas estão incluidas os estrangeiros natos e seus filhos brasileiros. Como a classificação por nacionalidade foi realizada, fazendo uso do sobrenome, foi impossível separar os portugueses dos brasileiros, daí a opção por colocá-los em uma mesma categoria.

ORGANOGRAMA DAS OCUPAÇÕES DE SANTA GERTRUDES



Fonte: Bassanezi (1973).

Proprietários e seu auxiliar, o **Administrador** - encarregados de administrar os investimentos de capital, a força de trabalho e a comercialização das culturas.

Serviços de Escritório - escrituração e contabilidade da Fazenda.

Feitores, fiscais - supervisão de grupos de trabalhadores com determinadas tarefas.

Fiscal ou diretor de colônia - transmissão da ordem e supervisão dos trabalhos dos colonos.

Fiscal de turma - supervisão de grupos de camaradas.

Colonos - responsável pelos cuidados do cafezal e colheita do café e cultivo da lavoura de subsistência familiar.

Camarada - assalariado que executava tarefas diárias de acordo com as necessidades imediatas da fazenda.

Ocupação manual especializada - assalariados cuja tarefa desenvolvida dependia de uma certa especialização: maquinistas, carpinteiros, seleiros, pedreiros etc.

Ocupação manual não especializada - assalariados encarregados do transporte (carroceiro, carreiro), cozinheiros, tratador de animal, cortador de capim, etc.

Empreiteiro - trabalho sobre o regime de empreitada, isto é, mediante remuneração previamente combinada executavam tarefas determinadas: formação de cafezais, confecção de cercas, extermínio de formigas, confecção de tijolos, aração da terra, etc.

TABELA 15 – Fazenda de Santa Gertrudes - Distribuição porcentual dos trabalhadores segundo a origem e ocupação - 1895-1930

	OCUPAÇÃO			
ORIGEM	**COLONO**	**CAMARADA**	**OUTRAS**	**TOTAL %**
Italiano	32,4	11,1	8,8	52,4
Nacional ou Português	10,0	5,9	11,3	27,2
Espanhol	4,6	1,1	2,4	8,3
Bras. Preto	0,6	1,0	2,7	4,4
Japonês	0,6	0,0	0,0	0,6
Germânico	0,3	0,0	0,7	1,0
Não Ident.	1,7	1,0	3,0	5,8
TOTAL	**50,2**	**20,1**	**28,9**	

Fonte: AFSG - Contas Correntes - (1895-1930).

Quanto ao elemento feminino, fora da lavoura (na qual a mulher estrangeira tinha uma importante participação), restava apenas a alternativa dos trabalhos domésticos na casa dos proprietários como assalariada (cozinheira, lavadeira ou criada), mas desses trabalhos se ocupavam principalmente as nacionais. Nessa Fazenda, outra ocupação que se oferecia a mulher era a de professora, contudo dada a necessidade de um bom conhecimento da língua e de qualificação profissional, era quase impossível tal pessoa ser recrutada entre os próprios moradores da Fazenda.

TABELA 16 – Fazenda de Santa Gertrudes - Distribuição porcentual da amostragem segundo a origem e ocupação 1895-1930

ORIGEM/ OCUPAÇÃO	**ITALALIANO**		**NACIONAL OU PORTUGUÊS**		**ESPANHOL**		**BRASILEIRO PRETO**		**JAPONÊS**		**GERMÂNICO**		**NÃO IDENTIF.**	
	%L	%C	%L	%C	%L	%C	%L	%C	%L	%C	%L	%C	%L	%C
Colono	64,4	61,9	19,8	37,6	8,9	54,2	1,3	15,3	1,3	100,0	0,7	33,3	3,5	29,4
Camarada	54,2	21,1	28,7	21,5	6,8	16,7	5,0	23,0					5,0	17,7
Empreiteiro	14,3	0,7	71,4	6,3									14,3	5,8
Supervisão de Trabalho	22,2	1,7	77,7	8,8										
Administração e Escritório	14,3	0,7	57,1	5,5	14,3	4,1							14,3	33,3
Ocupações Especializada	40,0	3,7	40,0	7,8	6,6	4,1					6,6	33,3	6,6	5,8
Ocupações não Especializadas	30,3	6,1	21,2	8,8	9,1	12,3	21,2	53,7					18,2	35,4
Muda de Ocupação	46,1	3,7	23,0	3,7	15,3	8,2	7,7	7,6					7,7	5,8

Fonte de dados brutos: AFSG - Contas Correntes -1895-1930.
Obs: %L quer dizer porcentagem por linha; %C quer dizer porcentagem por coluna.

Finalmente, é importante salientar que o município de Rio Claro, no decorrer do tempo, proporcionou a uma parcela dos imigrantes, recém-chegados e/ou já há algum tempo no país, a possibilidade de se tornarem proprietários de terra, o que será considerado a seguir.

IMIGRANTES E A POSSE DA TERRA

Sem entrar na polêmica questão da vinculação entre o fenômeno imigratório e o acesso ao uso e propriedade da terra, presente na historiografia brasileira, as considerações que se seguem visam tão somente mostrar que, no município de Rio Claro, um número pequeno, mas não desprezível, de imigrantes (e de seus descendentes brasileiros) converteu-se, no decorrer do tempo, em proprietário de pequenos sítios e alguns poucos galgaram o **status** de fazendeiro.

A participação de estrangeiros na estrutura de posse da terra em Rio Claro, na segunda metade do século XIX, era ainda bastante restrita, mas perceptível. Dean chegou a levantar nos registros de vendas de terras 60 casos de venda de propriedade rural para pessoas de sobrenome estrangeiros (entre eles antigos parceiros, mas também profissionais liberais e comerciantes), até o ano de 1873 (DEAN, 1977, p. 122). O **Almanack do Rio Claro** para 1873 mostra que entre os mais importantes fazendeiros do município quatro eram alemães e um português natos.

O **Almanak do Rio Claro - 1895** arrolou 146 "agricultores de café" no município, cerca de um quinto possuía sobrenomes germânicos e apenas um sobrenome italiano. Um maior número de pessoas de origem germânica certamente devia-se à presença mais antiga deste grupo na região. Os italianos chegados em períodos mais recentes e como trabalhadores do café não haviam tido possibilidade de adquirir terras até o momento.

As oportunidades chegariam mais tarde quando as crises do café geraram muitas quebras e leilões de propriedades e/ou a expansão da cafeicultura levou alguns fazendeiros locais a venderem suas propriedades para comprar novas mais a Oeste. Alterações profundas se processaram na estrutura fundiária local e só então, abriram-se ao imigrante reais possibilidades para se tornarem proprietários no município (DINIZ, 1973).

As informações mais seguras e completas sobre a participação de imigrantes na posse da terra podem ser observadas na **Estatística Agrícola e Zootechnica de Rio Claro, Anno 1904-1905**. Segundo esta, havia em Rio Claro 404 propriedades agrícolas, metade delas possuía até 50 alqueires de terra[11]; um terço tinha áreas entre 51 e 250 alqueires e apenas 10%

[11] O alqueire paulista equivale a 24.200 m2, ou seja, 2,42 ha.

ultrapassavam os 250 alqueires (Tabelas 17 e 18).

Os estrangeiros eram donos de 36% das propriedades, e apenas 25% da área total do conjunto das mesmas.

Os alemães, dentre os proprietários estrangeiros, eram os mais privilegiados; donos de maior área total e possuidores da maior área média de terras. No entanto, ocupavam o segundo lugar quanto ao número de proprietários. Dezoito propriedades eram de portugueses - um deles sozinho era dono de uma área semelhante a dos outros 17 em conjunto. Deixando de lado o grande proprietário deste grupo, verifica-se que os portugueses possuíam, depois dos alemães, propriedades com áreas médias superiores aos demais.

TABELA 17 – Propriedades agrícolas de Rio Claro por Nacionalidade do proprietário - 1904-1905

PROPRIEDADE PROPRIETÁRIO	No.	ÁREA (alq.)	ÁREA MÉDIA (alq.)	VALOR 1 mil mil réis	VALOR 1 mil mil réis
Brasileiros	258	31.472	122,0	13.970:950	54:151
Italianos	67	2.850	42,5	893:000	13.328
Portugueses	17	1.508	88,7	553:000	32.529
	1	1.500	-	400:000	-
Espanhóis	15	388	25,7	127:200	8:480
Alemães	42	4.287	102,1	1.042:300	24:817
Austríacos	4	23	5,8	20:000	5:000

Fonte: Estatística Agrícola e Zootechnica de Rio Claro/1904-1905.

Quanto aos italianos, o maior contingente entre os imigrantes e o maior grupo de proprietários de terra, colocavam-se em terceiro lugar quanto à área média de suas propriedades. Em outros termos, o tamanho médio de suas propriedades estava aquém da metade da área média que possuíam os portugueses. Os espanhóis, por sua vez, ocupavam na estrutura de posse da terra o penúltimo lugar. Suas propriedades tinham áreas bem reduzidas. Apenas quatro entre os austríacos eram donos de pedaços de terra com áreas extremamente reduzidas, isto é, equivalentes a pouco mais de um quinto da dos espanhóis.

TABELA 18 – Distribuição das propriedades agrícolas por área e nacionalidade do proprietário - 1904-1905

	NAC.PROP.						
ÁREA	**BRAS**	**ITAL**	**PORT**	**ESP**	**ALEM**	**AUST**	**TOTAL**
ATÉ 10	36	11	3	4	1	4	59
ATÉ 25	52	30	2	8	7	-	99
ATÉ 50	43	11	3	-	10	-	67
ATÉ 100	55	10	4	3	11	-	83
ATÉ 250	32	5	3	-	11	-	51
ATÉ 500	24	-	2	-	1	-	27
ATÉ 1000	8	-	-	-	1	-	9
+ 1000	3	-	1	-	-	-	4
SEM INFORM.	5	-	-	-	-	-	5
TOTAL	**258**	**67**	**18**	**15**	**42**	**4**	**404**

Fonte: Estatística Agrícola e Zootechnica de Rio Claro/1904-1905.

Quanto ao Núcleo Jorge Tibiriçá, as estatísticas existentes não mostram a proporção de propriedades pertencentes aos estrangeiros, mas são minuciosas no que concerne à população (Tabela 19). Entre 1908 e 1914, haviam 168 lotes ocupados e três quartos da população era de estrangeiros, sendo italianos, russos e alemães os grupos com maior volume de pessoas. A partir de 1915, começaram a ocorrer mudanças na composição desta população: diminuiu o número de estrangeiros e aumentou o número de brasileiros. Entre os estrangeiros, caiu a proporção de alemães e russos no conjunto, enquanto aumentou a de austríacos, espanhóis, italianos e portugueses. Não está claro, no entanto, se esta transformação foi reflexo de uma ampliação dos números de lotes à disposição de novos compradores e/ou uma alteração de gerações, isto é, brasileiros filhos de estrangeiros estavam substituindo a geração imigrante na propriedade de lotes.

TABELA 19 – População média do Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá por nacionalidade 1908-1919

NACIONALIDADE	1908-1914	1915-1919
Brasileira	243	1.756
Italiana	259	297
Portuguesa	37	91
Espanhola	72	126
Alemã	147	62
Austríaca	47	110
Russa	184	83
Outras	64	53
MÉDIA TOTAL	**1.053**	**2.578**

Fonte: Annuário Estatístico de São Paulo, 1908-1919.

Na relação dos proprietários de estabelecimentos rurais, anexa ao Censo de 1920,

foram arroladas 156 propriedades no Núcleo e mais 78 na chamada "secção Boa Vista". Pois bem, das 156 propriedades, 120 pertenciam a proprietários que possuíam nomes de origem italiana, germânica ou eslava, ou seja, três quartos das propriedades estavam nas mãos desses imigrantes e/ou seus descendentes (algo semelhante acontecia na "secção Boa Vista"). Como esta seleção foi realizada via sobrenomes, dificultou a localização de portugueses e de espanhóis, dadas semelhanças com nomes usados por brasileiros. Por isso, o volume de estrangeiros e/ou seus descendentes deveria ser maior. Estas constatações parecem confirmar que os brasileiros descendentes de estrangeiros eram a maioria entre os proprietários nacionais dos lotes Núcleo Jorge Tibiriçá no início dos anos 20.

O processo de fragmentação da propriedade, que vinha ocorrendo desde o final do século, aparece com evidência no Censo de 1920, quando foram recenseados 803 estabelecimentos rurais, dos quais metade possuía menos de 41ha (aproximadamente 16,94 alqueires), e três quartos das propriedades não ultrapassavam 100ha (Tabela 20).

Lamentavelmente, o Censo de 1920 trabalhou com os estrangeiros em conjunto (Tabela 21), o que impossibilita uma análise das transformações ocorridas por nacionalidade.

TABELA 20 – Área dos estabelecimentos rurais do Município de Rio Claro 1920

ÁREA (ha.)	Número	Área média (ha.)
Menos de 41	408	22
41 a 100	218	63
101 a 200	68	145
201 a 400	56	282
401 a 1000	37	665
1001 a 2000	13	1.336
2001 a 5000	7	3.564
TOTAL	**803**	

Fonte: Recenseamento (1920).

Agrupando os estrangeiros na **Estatística Agrícola de 1904-1905** e transformando as medidas em alqueires para hectares, torna-se possível uma comparação entre os dois recenseamentos (1904-1905 e 1920). Assim, verifica-se que uma transformação muito grande ocorreu entre os 15 anos que separam os dois levantamentos (Tabela 22).

TABELA 21 – Proprietários dos estabelecimentos rurais do Município de Rio Claro 1920

PROPRIETÁRIOS	NÚMERO	ÁREA TOTAL(ha.)	ÁREA MÉDIA(ha.)
Brasileiros	296	59.206	200,02
Estrangeiros	440	30.483	69,28
Diversos Proprietários e Pessoas Indeterminadas	66	24.682	373,97
Governo	01	726	726,00
TOTAL	**803**	**115.097**	**143,33**

Fonte: Recenseamento (1920).

Agrupando os estrangeiros na **Estatística Agrícola de 1904-1905** e transformando as medidas em alqueires para hectares, torna-se possível uma comparação entre os dois recenseamentos (1904-1905 e 1920). Assim, verifica-se que uma transformação muito grande ocorreu entre os 15 anos que separam os dois levantamentos (Tabela 22).

O número de propriedades rurais em mãos de estrangeiros triplicou no final do período. Em 1904-1905 estas eram pouco mais de um terço no conjunto dos estabelecimentos rurais do município e em 1920 totalizavam mais da metade. A área ocupada pelos imigrantes aumentou em detrimento da área de propriedade dos brasileiros. Levando em conta que entre estes últimos havia muitos filhos de imigrantes, a área pertencente ao conjunto de pessoas de origem estrangeira, era, então, bem maior.

TABELA 22 – Propriedades rurais do Município de Rio Claro por nacionalidade de proprietário - 1904-05 e 1920

	1904-1905			1920		
NACIONALIDADE	**No.DE PROPRIET.**	**ÁREA TOTAL**	**ÁREA MÉDIA**	**No. DE PROPRIET.**	**ÁREA TOTAL**	**ÁREA MÉDIA**
Brasileira	258	76.162	295,20	296	59.206	200,02
Estrangeira	145	21.916	151,14	440	30.483	69,28
TOTAL	**404**	**101.708**	**251,75**	**736(*)**	**89.68**	**121,86**

Fonte: Estatística Agrícola e Zootechnica de Rio Claro 1904-1905 Recenseamento de 1920.
(*) Foram extraídas as propriedades pertencentes a diversos proprietários, as pessoas indeterminadas e ao governo.

Entretanto, a área média das propriedades dos imigrantes diminuiu para menos da metade daquela de 1904-1905. A superfície total do conjunto destas propriedades aumentara, mas não na mesma proporção que crescera o número de proprietários. Mais gente teve acesso à terra, mas em condições menos favoráveis.

Entre os imigrantes, havia uma minoria, no entanto, que conseguiu ser bem sucedida colocando-se na classe privilegiada dos fazendeiros locais. Na relação nominal dos

proprietários de terra no município existente no Censo de 1920, das 63 fazendas arroladas, 17 eram de propriedade de fazendeiros com sobrenomes italianos, 5 dos proprietários possuíam sobrenomes germânicos e um árabe. Provavelmente, deveria haver portugueses, mas, como já foi salientado a similaridade entre os sobrenomes brasileiros e os seus inviabilizam o conhecimento do total. Nesta mesma relação, pode-se observar a existência de aproximadamente quinhentos nomes estrangeiros com propriedades menores, dos quais dois terços eram italianos.

Todas as evidências aqui apresentadas demonstram claramente o crescimento no decorrer do tempo - e o peso relativamente grande - da participação estrangeira, sobretudo italiana, na estrutura de posse da terra no município.

Embora a maioria dos imigrantes trabalhasse a terra que não lhe pertencia e outros se dedicassem às atividades não agrícolas, um número significativo deles teve acesso à propriedade da terra, senão no momento de chegada, um pouco depois.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão cafeeira foi a grande responsável pela presença estrangeira no município de Rio Claro, assim como em outras localidades do interior paulista. Ela proporcionou não só oportunidades de vida e trabalho dentro das grandes fazendas, mas abriu outros espaços na própria zona rural e também no núcleo urbano. Isto porque, o café trouxe para o município a ferrovia, proporcionou o desenvolvimento urbano e possibilitou a transformação da malha fundiária.

As medidas e as limitações de uma parcela do processo de inserção do imigrante estrangeiro no município foram registrados no decorrer do presente trabalho, cabendo aqui reforçar que a participação e o grau de integração de cada grupo étnico na sociedade e economia local variaram de acordo com a sua experiência pré-emigratória, o seu volume, composição, estratégia migratória adotada (familiar ou individual, subsidiada ou por conta própria), momento histórico e as condições de vida e trabalho oferecidas através do complexo cafeeiro pela terra hospedeira. Por outro lado, é preciso igualmente lembrar a importância que tiveram as relações de parentesco e amizade nas respostas dadas pelos imigrantes às oportunidades que se lhe apresentaram.

As características do fluxo imigratório para Rio Claro, de certa forma, refletiam aquelas desenhadas para as áreas cafeeiras como um todo. Os italianos foram os que chegaram em maior quantidade. Encaminharam-se principalmente, para a lavoura do café atraídos pelo

subsídio à viagem e pelos incentivos à imigração familiar e ao trabalho sob o regime de colonato.

Embora a organização do trabalho nas fazendas privilegiasse as famílias, também havia espaço, ainda que menor, para aqueles que imigravam sós e/ou por conta própria. Eles executavam tarefas complementares à lavoura propriamente dita (transporte, secagem e benefício do café) e aquelas necessárias ao bom desempenho da propriedade (serraria, selaria etc).

Muitos italianos, no entanto, instalaram-se desde o início na cidade executando atividades artesanais ou manufatureiras e comerciais onde igualmente se destacaram. Outros, depois de um tempo na lavoura, também encaminharam-se ao centro urbano.

O interesse e/ou as crises da lavoura cafeeira facilitaram a realização do sonho de propriedade da terra, alimentado sobretudo pelos vênetos, para uma parcela dos imigrantes.

Os portugueses, diferentemente dos italianos emigraram na sua maioria independente do subsídio. A maior parte era de homens adultos e que emigraram sós. Somente uma fração muito pequena foi para o trabalho da fazenda e/ou emigrou em unidades familiares ou teve acesso à sua própria terra. Estabeleceram-se de preferência na cidade e nas vilas mais movimentadas do município, onde se destacaram nas atividades da ferrovia, do pequeno comércio e da manufatura.

Em Rio Claro, os portugueses jamais chegaram a atingir um quarto da quantidade total de estrangeiros, embora ocupassem o segundo lugar em número de imigrantes em todo o período analisado.

Os espanhóis, terceiro entre os grupos dominantes, na sua maior parte, chegaram a Rio Claro em unidades familiares e depois da entrada maciça de italianos. Portanto, não encontraram as mesmas circunstâncias históricas que estes. Instalaram-se na lavoura cafeeira num momento em que esta entrava em declínio no município, mas por outro lado, quando as oportunidades de acesso à terra haviam aumentado consideravelmente para os estrangeiros. Isto permitiu que vários deles se tornassem também pequenos proprietários e/ou trabalhassem nessas propriedades como produtores de alimentos. Poucos se estabeleceram na cidade.

Os alemães e suíços, entre os primeiros a chegar, marcaram a vida do município, não só por serem os mais antigos, mas principalmente, pela sua participação em setores importantes da vida econômica e cultural (esta foi muito intensa no campo da educação, do esporte e da imprensa). Aqueles de origem árabe, embora muito poucos, tiveram destaque no

comércio de armarinhos e tecidos, de secos e molhados. Os austríacos diluiram-se entre os italianos e os demais, dada a sua pouca representatividade, no conjunto da população imigrante.

Enfim, estes imigrantes responderam à demanda de mão-de-obra necessária à sustentação do desenvolvimento econômico do município na época, provocando igualmente um impacto muito grande na sua população e na vida local. Deram a Rio Claro um perfil com acentuada característica estrangeira, que até hoje se faz sentir.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Z. M. F. **Emigração, família e luta:** italianos em São Paulo, 1870-1920. 1983. Dissertação (Mestrado) - FFLCH, Depto. de História, Universidade de São Paulo, SP, 1983.

BASSANEZI, M. S. C. B. **Fazenda de Santa Gertrudes:** uma abordagem quantitativa das relações de trabalho em uma propriedade rural paulista, 1895-1930. 1974. Tese (Doutorado) – Unesp, Rio Claro, SP, 1974.

CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo.** Rio de Janeiro, RJ: DIFEL, 1977.

DAVATZ, T. **Memórias de um colono no Brasil -1850.** Belo Horizonte, MG: Ed. Itatiaia Ltda.; São Paulo, SP: Ed. USP, 1980.

DEAN, W. **Rio Claro, um sistema brasileiro de Grande Lavoura:** 1820-1920. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1977.

_____. A pequena propriedade dentro do complexo cafeeiro: sitiantes no Município de Rio Claro (1870-1920). **Revista de História,** São Paulo, SP, v. LIII, n. 106, p. 487-494, 1976.

DINIZ, D. **Rio Claro e o café:** desenvolvimento, apogeu e crise. 1973. Tese (Doutorado) – FFCL, UNESP, Rio Claro, SP, 1973.

HOLLOWAY, T. **Imigrantes para o café.** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1984.

HOGAN, D. et al. Café, ferrovia e população: o processo de urbanização de Rio Claro. **Textos NEPO 5,** Campinas, SP, 1986.

KLEIN, H. Italianos no Brasil, Argentina e EUA. **Novos Estudos CEBRAP.** São Paulo, SP, n. 25, 1989a.

_____. A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil no fim do século XIX e no século XX. **Revista Brasileira de Estudos de População,** São Paulo, SP, v. 6, n. 2, p. 17-37, jul./dez.1989b.

_____. **The social and economic integration of portuguese immigrants in Brazil in the late 19th and Twentieth Century.** 1989c. (Mimeo).

LEVY, M.S.F. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). **Revista de Saúde Pública,** São Paulo, SP, v. 8, supl., jun. 1974.

MARTINS, J. S. **O cativeiro da terra.** São Paulo, SP: Livraria Ed. Ciências Humanas, 1972.

OLIVEIRA, M. C. F. A. **Mercantilização e urbanização em São Paulo.** São Paulo, SP, 1989. (Mimeo). (Relatório CNPq).

_____. Mercantilização e urbanização. **Textos NEPO 14,** Campinas, SP, 1987.

SALLUM JR., B. **Capitalismo e cafeicultura:** Oeste Paulista - 1888-1930. São Paulo, SP: Duas Cidades, 1982.

SCARANO, J. M. L. Considerações preliminares sobre uma cidade de imigração Teuto-Italiana e os efeitos do segundo conflito mundial. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 4., São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo, SP, 1969.

STOLCKE, V. **Cafeicultura, homens e mulheres e capital (1850-1980).** São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1986.

TRENTO, A. **Là dov'e la raccolta del caffe.** Padova: Editrice Antenore, 1984.

VANGELISTA, C. **La braccia per la fazenda.** Milano: Franco Angeli Editore, 1982.